

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS

**LEILA CHRISTINA DUARTE DIAS**

MEMORIAL DE ATIVIDADES ACADÊMICAS (MAA) PARA AVALIAÇÃO  
COM A FINALIDADE DE PROMOÇÃO A PROFESSOR TITULAR

Florianópolis/SC

2017

*“Eu sou eu e minha circunstância,  
e se não salvo a ela não me salvo a mim”<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> ORTEGA y GASSET, José. *Meditações do Quixote*. Livro Ibero-Americano Ltda. São Paulo, 1967, p.52.

# SUMÁRIO

## PREÂMBULO

1. INTRODUÇÃO .....	4
2. FORMAÇÃO E INICIAÇÃO À DOCENCIA NA UFRJ .....	5
2.1. OS PRIMEIROS ANOS .....	5
2.2. DOUTORADO EM PARIS .....	12
2.3 VOLTA À UFRJ E TRANSFERÊNCIA PARA A UFSC .....	17
3. TEMPOS DE UFSC .....	20
3.1. PERCURSOS NA DOCÊNCIA .....	21
3.2. CAMINHOS NA PESQUISA .....	25
3.2.1. DAS REDES TÉCNICAS ÀS REDES BANCÁRIAS .....	25
3.2.2. RETORNANDO A PARIS .....	29
3.2.3. REDES, TERRITÓRIOS E FINANÇAS.....	31
3.2.3.1. OS SENTIDOS DA REDE .....	32
3.2.3.2. DAS REDES BANCÁRIAS ÀS REDES FINANCEIRAS .....	34
3.3. LUGARES DA EXTENSÃO E DA ADMINISTRAÇÃO .....	41
3.3.1. GESTÃO E CRIAÇÃO DO DOUTORADO NA GEOGRAFIA .....	42
3.3.2. PRÁTICAS ANPURIANAS DO TRABALHO COLETIVO E MULTIDISCIPLINAR .....	43
3.3.3. PASSAGEM PELO CNPq.....	48
3.3.4. CIRCULANDO POR OUTROS LUGARES .....	49
4. E DAQUI PRA FRENTE? .....	52

## PREÂMBULO

Este Memorial de Atividades Acadêmicas (MAA) abrange atividades desenvolvidas nos últimos quarenta anos de vida universitária: quinze na UFRJ, onde ingressei como docente em 1977; e vinte e cinco na UFSC, onde permaneço desde minha transferência da UFRJ em 1993, e segue a Resolução Normativa No 40/CUN/2014, de 27 de maio de 2014, que normatiza a ascensão à classe E (Titular) dos integrantes do Magistério Superior da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Conforme o artigo 4º da Resolução, o MAA “consiste em um documento de caráter descritivo, analítico, quantitativo e qualitativo, que destaque fatos marcantes e méritos acadêmicos da trajetória do docente”. A Resolução indica também que o MAA deve contemplar “obrigatoriamente, as atividades relacionadas ao ensino e à orientação na graduação e pós-graduação e as atividades de pesquisa e/ou extensão e/ou administração”, e “alternativamente, as demais atividades que constam do art. 5º da Portaria nº 982/MEC/2013”. A documentação comprobatória composta de documentos digitalizados segue anexa e foi organizada segundo a sequência de itens que constam do art. 5º da Portaria no. 982/MEC/2013.

## 1. INTRODUÇÃO

Construir um Memorial não é tarefa simples. Não se trata de tão-somente elencar a produção científica, as orientações concluídas ou as aulas ministradas, mas de narrar, por meio da escrita, uma trajetória acadêmica na qual se mesclam pertencimentos sociais, culturais e institucionais.

O dicionário Houaiss da Língua Portuguesa não deixa dúvida: memorial, unidade lexical relativa à memória, à lembrança, ao digno de ser lembrado, ao memorável, ou aquilo que faz lembrar. A redação do memorial se aproximaria, assim, da narrativa autobiográfica na sua busca por atribuir sentido e coerência a uma sequência de acontecimentos. Mas o fio condutor deste memorial não é propriamente linear, e foi largamente inspirado no prefácio de *Elementos para uma história das ciências*, onde Michel Serres afirma, a propósito da história das ciências:

“Longe de desenhar uma sequência alinhada de aquisições contínuas e crescentes ou uma mesma sequência de súbitos cortes, descobertas, invenções ou revoluções precipitando no esquecimento um passado subitamente ultrapassado, a história das ciências corre e flutua sobre uma rede múltipla e complexa de caminhos que se cavalgam e se entrecruzam em nós, cumes ou encruzilhadas, comutadores onde se bifurcam duas ou várias vias”<sup>1</sup>.

Essa é a ideia que concebo para construir a narrativa de meu percurso, buscando numa “rede múltipla e complexa de caminhos” os lugares de convergência e de bifurcação onde se colocam os problemas e se tomam ou não as decisões. Que problemas? Que decisões?

---

<sup>1</sup> SERRES, Michel. Prefácio. In: SERRES, M. (Org.) *Elementos para uma história das ciências*. Da Babilônia à Idade Média. Lisboa: Terramar, 1995, p. 11.

## 2. FORMAÇÃO E INICIAÇÃO À DOCÊNCIA NA UFRJ

Em qual curso universitário ingressar? Por que Geografia, quando História e Jornalismo também despertavam meu interesse? Quando tudo começou? Nos anos 1960, viajando na Kombi da família, quando meandros, istmos, planícies e cultivos davam sentido às aulas de Geografia do curso ginásial? Ou no curso clássico, quando o professor Maurício Silva Santos nos convidava a explorar o mundo desenhando no quadro seus mapas coloridos? Acredito que, assim como na história das ciências e das técnicas, minha trajetória não possa ser apresentada com base na ideia do acontecimento fundador, onde estaria o ponto a partir do qual o futuro teria sido fixado de uma vez por todas. Bem ao contrário, foram sucessões mais ou menos aleatórias de ocasiões, de circunstâncias e de encontros que imprimiram significado à minha trajetória.

### 2.1. OS PRIMEIROS ANOS

Iniciei a graduação em Geografia em 1970 no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), no Largo de São Francisco de Paula, no centro da cidade do Rio de Janeiro, quando História, Filosofia, Antropologia e Ciências Sociais dividiam com Geografia e Geologia o espaço daquele prédio histórico. Tendo frequentado escolas particulares religiosas e laicas, a primeira mudança foi realizar o curso numa universidade federal e pública, que me levou a redescobrir minha cidade natal, pois os trabalhos em grupo e de campo criavam as oportunidades de circular por bairros da cidade nunca antes frequentados. A segunda mudança foi passar a conviver quotidianamente com o recrudescimento da repressão após o AI-5, quando colegas diretamente envolvidos em movimentos e organizações de resistência foram presos, somente retornando à vida universitária após vários anos na clandestinidade.

No primeiro período de faculdade, cursei a disciplina História do Pensamento Geográfico com a professora Bertha K. Becker. Impactante e motivadora,

a excelente professora dividiu a turma em pequenos grupos e nos mandou para a biblioteca para pesquisarmos, ao longo do semestre, a trajetória da ideia de região em três periódicos geográficos: Revista Brasileira de Geografia, Boletim Geográfico e Boletim Carioca de Geografia. Esse encontro abriu caminhos que percorri nos anos seguintes, e que percorro ainda hoje, e desde então permaneço motivada pelo campo da história das ideias.

Ao lado de quatro colegas de turma, ingressei no grupo de pesquisa coordenado pela professora Becker no Centro de Pesquisas de Geografia do Brasil (CPGB)<sup>2</sup>. Sob a direção da professora Maria do Carmo Corrêa Galvão, o CPGB reunia professores<sup>3</sup> e bolsistas de Iniciação Científica e de Aperfeiçoamento, e ocupava uma grande parte do andar térreo do prédio do IFCS até 1973, quando o Departamento de Geografia foi transferido para o Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN), no Campus da Ilha do Fundão, passando a integrar o Instituto de Geociências ao lado dos cursos de Astronomia, Geologia e Meteorologia.

Eram outros tempos: em 1971, era possível dividir por cinco as três bolsas de Iniciação Científica do CNPq recebidas pela professora Bertha Becker para desenvolver pesquisa sobre a Bacia Leiteira e o abastecimento da metrópole carioca. Essa pesquisa de Iniciação Científica analisou a produção leiteira na periferia da área urbanizada, sendo a primeira publicação desse quarteto de iniciantes<sup>4</sup>, seguida, em 1974<sup>5</sup>, pela publicação do artigo *Contribuição ao estudo de padrões de consumo alimentar urbano: o consumo de leite na Guanabara*<sup>6</sup>.

Cursei uma graduação que iniciou largamente influenciada pelos manuais franceses e terminou impactada pela bibliografia anglo-saxônica que anunciava uma “Geografia Teorética e Quantitativa”. As obras *Explanation in Geography*, de

---

<sup>2</sup> São eles: Ana Maria de Souza Mello Bicalho, Angélica Alves Magnago, Marcia Schornbaum Côrtes Costa e Miguel Farah Neto.

<sup>3</sup> Além de Maria do Carmo Galvão e Bertha Becker, também integravam o CPGB as professoras Maria Helena Lacorte e Mariana Palhares de Miranda.

<sup>4</sup> BICALHO, A. M. de S. M. et al. Transformações na periferia urbana no Rio de Janeiro: crescimento e diversificação da pecuária leiteira. In: **Boletim Carioca de Geografia**. Rio de Janeiro, ano XXIII, p.35-71. 1972.

<sup>5</sup> Em razão do primeiro casamento, em 1973 passei a assinar Leila Christina Dias Carvalho, e com esse nome assinei meus trabalhos durante dez anos. Em 1983, voltei a assinar com o nome de solteira, Leila Christina Duarte Dias.

<sup>6</sup> BECKER, B. et al. Contribuição ao estudo de padrões de consumo alimentar urbano: o consumo de leite na Guanabara. In: **Boletim Geográfico**. Rio de Janeiro, ano 33, n. 241, p.73-109. 1974.

David Harvey, publicada em 1969, e *Spatial organization: the geographer's view of the world*, de Ronald Abler, Peter Gould e John Adams, de 1971, introduziram os princípios da chamada *new geography*. Na qualidade de bolsistas participávamos ativamente dos seminários mensais de pesquisa organizados por nossa orientadora, buscando discutir o conteúdo dessas propostas em suas dimensões teóricas e metodológicas. Tratava-se de uma revolução ou de uma evolução do pensamento geográfico, tal qual questionava M. Chrisholm no livro *Geografia humana: evolução ou revolução?*

Concluí o bacharelado em 1973 e a licenciatura no ano seguinte. A influência dos métodos estatísticos e matemáticos era tamanha que na seleção ao Curso de Mestrado em Geografia da UFRJ prestávamos provas de inglês, matemática e estatística, mas não de Geografia. Em pleno verão carioca, numa UFRJ sem ar condicionado nas salas de aula, frequentei os cursos de nivelamento em Matemática e Estatística, oferecidos pelo Programa de Pós-graduação em Geografia nos meses de janeiro e fevereiro. Fui classificada em segundo lugar no processo seletivo e iniciei o mestrado em 1975.

Dois anos mais tarde, ingressei na carreira docente da UFRJ como auxiliar de ensino. Nos anos seguintes, formação e profissionalização foram acontecendo paralelamente. Tive o privilégio de contar com excelentes professores. Ao lado de minha orientadora, Profa. Bertha Becker, com quem muito aprendi sobre as teorias de desenvolvimento regional, outros professores marcaram minha graduação e pós-graduação, como Roberto Lobato Corrêa, Maria do Carmo Corrêa Galvão e Lysia Maria Bernardes. Lembro-me particularmente das aulas de Olga Maria Buarque de Lima, geógrafa do IBGE, recém-chegada de um estágio no Reino Unido, trazendo uma atualizada bibliografia sobre Análise Regional e Regionalização. Lembro-me também dos muitos seminários promovidos pelo Programa de Pós-graduação com pesquisadores nacionais e estrangeiros, aprofundando temáticas particulares, como *Valor e Renda da Terra* (Sérgio Silva, Unicamp), *Espaço e Poder* (Edward Soja, UCLA; Arie Shachar, Universidade Hebraica de Jerusalém; Miguel Morales, Universidade de Costa Rica; Walter Stohr, Universidade de Viena); e *Epistemologia e Geografia* (José Vesentini, USP). Um curso de aperfeiçoamento e dois cursos de atualização merecem registro pela qualidade da discussão que



promoveram: *Metodologia da Pesquisa*, promovido pelo Instituto de Estudos Avançados em Educação da FGV/Rio de Janeiro em 1975; *Movimentos Sociais Urbanos*, promovido pela Editora Muro e ministrado por Manuel Castells em 1981; e *Sociologia Urbana*, promovido pelo IUPERJ e ministrado por Jean Lojkin em 1984. Em 1978 e 1979 colaborei no Curso de Mestrado, na disciplina Teorias do Desenvolvimento Regional, sob responsabilidade de Bertha Becker, proferindo palestra sobre Métodos de Regionalização aplicados ao estudo do desenvolvimento regional. Essas experiências repercutiram nas disciplinas que ministrei nos primeiros anos de docência: Estudos Regionais, Prática de Geografia Humana, Geografia da População, Regionalização, Análise Regional e Teoria da Geografia foram desenvolvidas sob larga influência do que lia, do que ouvia e do que assimilava.

A segunda metade dos anos 1970 foi marcada por dúvidas e incertezas de ordem pessoal e acadêmica, dentre as quais as relativas à pesquisa a ser desenvolvida como dissertação de mestrado. O que pesquisar? Qual temática abordar? Integrar a equipe coordenada pela professora Becker nas suas pesquisas sobre a Amazônia<sup>7</sup>? Buscar outro tema? Permanecer na metrópole? Foram idas e vindas girando em torno da problemática do Desenvolvimento Regional. Parte desse esforço resultou no artigo *Levantamento Bibliográfico sobre Desenvolvimento e Política Regional no Brasil - 1960/1978*, que atendeu a uma solicitação da Comissão sobre Sistemas e Políticas Regionais da União Geográfica Internacional para que levantamentos desse tipo fossem efetuados nos países representados por seus membros para oferecer subsídios à atuação coordenada da Comissão<sup>8</sup>.

Contudo, foi a leitura da obra *Social Justice and the city*, de David Harvey (1973), que determinou meu recorte temático no mestrado. Em contraposição a uma análise descritiva de indicadores territoriais sociais, Harvey apontava a necessidade de conhecer os mecanismos geradores de desigualdades entre diferentes grupos sociais, identificando “o comando dos indivíduos sobre os recursos escassos da sociedade” como base desse mecanismo. Ele considerava a cidade como um sistema gigantesco de recursos, a maioria dos quais construídos pelo homem.

---

<sup>7</sup> Alguns dos resultados dessa pesquisa estão em BECKER, B. *Geopolítica da Amazonia: a nova fronteira de recursos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 233 p.

<sup>8</sup> CARVALHO, L. C. D, Levantamento bibliográfico sobre desenvolvimento e política regional no Brasil- 1960/1978. In: *Boletim Carioca de Geografia*. Rio de Janeiro, ano XXVIII, p. 107-128, 1978.

Tal sistema, por sua vez, está localizado territorialmente de forma que a maioria dos recursos que podem ser utilizados não se encontra em todas as partes, razão pela qual seu uso depende da acessibilidade e da distância que os separam da população. Escolhi analisar o acesso da população aos serviços de saúde, tomando como exemplo a categoria materno-infantil. Na dissertação enuncio um conjunto de razões que justificariam essa escolha, principalmente o seu caráter prioritário em nível internacional e nacional nas políticas governamentais de saúde. Um olhar distanciado de quatro décadas me autoriza, hoje, a enxergar naquele momento uma estreita relação entre minha biografia, marcada na época pela perspectiva de ser mãe (que só se tornaria realidade quase 10 anos mais tarde) e o tema da pesquisa<sup>9</sup>.

A dissertação intitulada *Uma interpretação geográfica do acesso a recursos sociais: a saúde em Copacabana* combinou várias técnicas de coleta de dados: entrevistas com médicos ligados ao setor materno-infantil, moradores e presidente da Associação de Moradores das favelas do Pavão-Pavãozinho; dados secundários oriundos da Secretaria Municipal de Saúde; e pesquisa de campo num perfil que ia da Avenida Atlântica às favelas. Foram 144 questionários aplicados com a ajuda de oito ex-alunos de graduação que iniciavam o Mestrado no PPGG da UFRJ. A dissertação foi examinada em maio de 1980 pela banca constituída pela profa. Bertha Becker (orientadora), pelo meu colega de Departamento, Mauricio de Almeida Abreu, pelo professor Hésio de Albuquerque Cordeiro, médico e cofundador do Instituto de Medicina Social da UERJ; e pelo professor Milton Santos, que regressava de um período de exílio no exterior de quase 15 anos, sendo contratado pela UFRJ em 1979 onde permaneceu no Departamento de Geografia até prestar concurso para professor titular na USP, em 1984.

Os anos seguintes à defesa do mestrado foram anos de aprendizado do trabalho coletivo. Em 1982 e 1983, ao lado de Elioni Maria Arruda Nicolaiewsky, professora na Escola de Química do Centro de Tecnologia (CT), organizei a V e a VI Jornadas Internas de Iniciação Científica do Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza e do Centro de Tecnologia, dando continuidade ao trabalho precursor do

---

<sup>9</sup> Nos termos do artesão intelectual de C. Wright Mills, na obra *A imaginação sociológica*. Trad. de W. Dutra. 6a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 211-243.

professor Giulio Massarani, da Escola de Química, como idealizador e organizador da I e da II Jornadas (1978 e 1979). Foi uma atividade que desenvolvi com particular satisfação e à qual dediquei grande parte do meu tempo naqueles dois anos. Era uma iniciativa marcada pelo entusiasmo do corpo discente e do corpo docente e pelo estabelecimento de laços de cooperação interdepartamentais que constituiriam os embriões da Jornada de Iniciação Científica da UFRJ, que mais tarde integraria todos os Centros de Ensino. Com colegas do IBGE e da UFRJ e sob a presidência de Bertha Becker, integrei a comissão organizadora da Conferência Regional Latino-Americana, promovida pela União Geográfica Internacional no Rio de Janeiro em 1982.

Orientei pesquisas de Iniciação Científica, de Aperfeiçoamento e monografias de conclusão de curso<sup>10</sup>, apresentando resultados da pesquisa sobre acessibilidade a serviços de saúde em mesas redondas, que seriam publicados nos Anais do 4o Encontro Nacional de Geógrafos (1980) e do 4o. Congresso Brasileiro de Geógrafos (1984), e no livro *Brazilian Geographical Studies* (IBGE, 1982). Publicado no livro *Rio de Janeiro: Painel de um espaço em crise* (Editora da UFRJ, 1986), o trabalho intitulado *A crise e a expansão da doença nos espaços metropolitanos* foi o último que desenvolvi no campo da Geografia da Saúde<sup>11</sup>. Tratava da crescente urbanização de algumas endemias rurais, resultado da mobilidade da população que circulava por largas faixas do país, propiciando disseminações endêmicas para áreas onde não se registravam mais a sua transmissão. O processo migratório de portadores da doença de Chagas para as periferias de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e outras metrópoles sem a correspondente melhoria nas suas condições econômicas e sociais se refletia tanto na manutenção da precariedade das moradias quanto na venda de sangue para transfusão nos bancos de sangue privados. Segundo dados fornecidos na época por pesquisadores da Fundação Oswaldo Cruz à revista "Isto É", cerca de 50% dos serviços de transfusão de sangue não faziam

---

<sup>10</sup> Dois dos três bolsistas de IC e de Aperfeiçoamento daquele período são, há muitos anos, professores em universidades federais. Marcio Pinon de Oliveira é professor na Universidade Federal Fluminense e foi presidente da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE) entre 2005 e 2007; e Julio Cesar Ramires é professor na Universidade Federal de Uberlândia.

<sup>11</sup> Trabalho apresentado no Seminário *A metrópole e a crise*, promovido pelo Departamento de Geografia da USP em março de 1985.

trijagem de seus doadores, estimando-se o surgimento de 20 mil novos chagásicos por ano nas grandes cidades (edição de 13/12/85). O trabalho apontava a ameaça à saúde das populações metropolitanas, especialmente no Rio de Janeiro, de duas outras endemias: a febre amarela e a dengue, e concluía que o empobrecimento que se expressava fisicamente na expansão de cinturões de pobreza na periferia das grandes cidades exigia repensar politicamente a administração da crise à escala nacional e seu rebatimento nos espaços metropolitanos, e reavivar a discussão interrompida pelo autoritarismo dos anos 1960 e 1970 a fim de transformá-la em soluções voltadas para as populações politicamente desconsideradas.

Simultaneamente, o encontro com o professor Milton Santos foi abrindo outro caminho na minha trajetória. Em 1981 acompanhei sua disciplina Da Geografia Urbana a uma economia política das cidades (PPGG/UFRJ), e fui convidada a integrar a comissão que organizava, sob sua presidência, o Colóquio *O Brasil amanhã: cidade, tecnologia e cidadania* (1982), cujas indagações centrais eram De que maneira o desenvolvimento tecnológico incidirá sobre a distribuição territorial da população e de que forma essa distribuição terá impacto sobre o exercício da cidadania e vice-versa? Como se comportará a própria urbanização como um dado da nova situação e como a expansão tecnológica atuará sobre a divisão territorial do trabalho?

As questões levantadas pelo surgimento de uma nova frente científico-tecnológica no Brasil deram origem a um trabalho coletivo de pesquisa iniciado em 1983, sob sua coordenação<sup>12</sup>. A ideia central era de que, ao contrário das teses difundidas na literatura mundial consagradas ao tema, o Brasil era um país capaz de acolher, fora da região central, atividades com alta intensidade de capital, de tecnologia e de organização - a rede dos fluxos das atividades do setor moderno se desenvolvia através do território, enquanto as atividades do terciário superior, como as funções de comando, de concepção e de previsão tendiam a permanecer muito concentradas. O convívio quotidiano com o autor de *Por uma Geografia Nova* (1978) era desafiador e abria um campo de discussão epistemológica e teórica numa época de crise do empiricismo e quantitativismo na Geografia. Qual é

---

<sup>12</sup> O projeto dava continuidade às pesquisas que Milton Santos e Ana Clara Torres Ribeiro vinham desenvolvendo desde 1979, e nessa fase integrou também a geógrafa Elizabeth Hijjar.

o objeto do trabalho do geógrafo? Devemos pensar sobre o que é a geografia ou sobre o espaço geográfico? E o espaço, é tão-somente um palco para as ações humanas ou interage dialeticamente com as práticas sociais? Devemos falar de uma instância espacial, como falamos das instâncias político-jurídica, econômica e social? Como distinguir metáfora de conceito? Como tratar o período atual? Essas eram algumas das questões presentes nas salas de aula, nas reuniões e, a seguir, nos seus livros<sup>13</sup>.

As bolsas que recebi do CNPq para desenvolver projetos de pesquisa naquele período expressam esse deslocamento temático e teórico: à bolsa na categoria de pesquisador III-B para desenvolver o projeto *O Estado e a intervenção na área de saúde: consequências para o processo de remodelação do espaço metropolitano* (1982 a 1983) se seguiu a bolsa na categoria de pesquisador III-A para desenvolver o projeto *O setor terciário superior e a dinâmica dos espaços metropolitanos* (1984 a 1985).

## 2.2. DOUTORADO EM PARIS

Em 1984 e 1985, três colegas de departamento partiram para o doutorado no exterior: Lia Osório Machado na *Universidad de Barcelona*, Maria Célia Nunes Coelho na *University of Syracuse*, e Antonio José Teixeira Guerra, na *University of London*<sup>14</sup>. Acompanhei, e com eles compartilhei, as dúvidas que precedem uma decisão dessa natureza. Quando partir? Para onde ir? Com quem trabalhar? O que pesquisar?

À época, o professor Milton Santos encorajava-nos a ir para o exterior. *O mundo é muito maior do que este departamento*, repetia ele com frequência. Os

---

<sup>13</sup> SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo: Nobel, 1985; SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: HUCITEC, 1994; SANTOS, Milton. *A natureza do espaço*, São Paulo: HUCITEC, 1996.

<sup>14</sup> Em 1985, havia apenas dois cursos de doutorado em Geografia no país: o mais antigo, na USP, e o da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Campus de Rio Claro, aberto em 1983. As bolsas do CNPq e da CAPES para doutorado pleno no exterior eram numerosas e atendiam a demanda para formar professores universitários.

relatos de suas experiências no período de exílio - lecionou na França, no Canadá, nos EUA, na Tanzânia, na Venezuela e no Equador - e as conversas com sua esposa Maria Hélène Tiercelin - geógrafa e francesa - foram encorajando-me a também partir. Naqueles anos comecei a interessar-me pela cultura francesa, lendo seus geógrafos mais reconhecidos. E foi nos trabalhos do professor Paul Claval que percebi a oportunidade de avançar na pesquisa iniciada com Milton Santos sobre o meio técnico-científico, que incorporava a variável informação para compreender a gestão do território pelas grandes organizações e a emergência de um sistema urbano diversificado.

O estudo dos efeitos do processo de informatização sobre a rede urbana brasileira foi a primeira direção que dei a meu projeto de pesquisa. Com a intenção de seguir essa pista e de imprimir maior rigor metodológico ao trabalho, cheguei a Paris no outono de 1985. Os primeiros encontros com meu orientador me levaram a modificar consideravelmente esse objetivo. Suas questões precisas e motivadoras me fizeram tomar consciência da amplitude das minhas lacunas no tema que pretendia abordar. Na verdade, minha visão da informatização não ultrapassava os limites do próprio setor de informática. À medida que avançava na revisão bibliográfica, ia percebendo que a aceleração da circulação da informação resultava tanto da evolução no campo do tratamento (informática) quanto da evolução no campo da transmissão (telecomunicações). A partir daí a perspectiva se alargou, aproximando informática e telecomunicações.

Por indicação do professor Claval, estabeleci contatos com Henry Bakis, geógrafo no *Centre National d'Etudes des télécommunications* (CNET), e com Gabriel Dupuy, que coordenava na *École Nationale des Ponts et Chaussées* um talentoso grupo de pesquisadores - historiadores, geógrafos, arquitetos, engenheiros, economistas - que analisavam as redes técnicas na sua estrutura, dinâmica e lógica<sup>15</sup>. Frequentei inúmeras reuniões e seminários, e fui conhecendo

---

<sup>15</sup> Para esta mudança de visão, muito contribuíram as leituras de Paul Claval (1973), *Le système urbain et les réseaux d'information*. *Revue de Géographie de Montréal*, vol. 27, n° 2, p. 103-112; de Henry Bakis (1983), *Télécommunications et organisation de l'espace*, Thèse d'Etats Lettres et Sciences humaines, Université de Paris I-Panthéon Sorbonne, 1302 p.; e Gabriel Dupuy (1985), *Systèmes, réseaux et territoires: principes de réseautique territoriale*, Presses de l'École Nationale des Ponts et Chaussées, 168 páginas.

as pesquisas conduzidas na França sobre as relações entre espaço e telecomunicações.

Na medida em que a pesquisa avançava, resultados e reflexões parciais iam sendo apresentados em colóquios e seminários<sup>16</sup>. Um ano após chegar a Paris, participei da *Journée Annuelle Urbaine et Industrielle* sobre *Innovations Technologiques; mutations industrielles et changements urbains* promovida pelo Comitê Nacional de Geografia, em Toulouse, onde apresentei o trabalho *Un cadre relativement nouveau: l'informatisation et l'espace*<sup>17</sup>. Em fevereiro de 1988, apresentei trabalho no Colóquio *Communications et territoires*, promovido pelo CNET. A convite de Henry Bakis, escrevi com Tamara Benakouche<sup>18</sup> o artigo *Télécommunication et dynamique spatiale: le cas du Brésil*<sup>19</sup>. A convite da geógrafa Martine Droulers - discípula de Pierre Monbeig e que desenvolveu sua tese de doutorado no Brasil nos anos 1970 - participei regularmente dos seminários organizados pelo *Centre de Recherche et de Documentation sur l'Amérique Latine (CREDAL)*<sup>20</sup>. Em 1989, participei de um seminário internacional, organizado por Georges Benko em Paris, reunindo nomes como Pierre Veltz e Alain Lipietz para debater a dinâmica espacial da economia contemporânea com base em três elementos principais: as indústrias de alta tecnologia, a economia de serviços (essencialmente nos espaços metropolitanos) e as atividades artesanais e as pequenas e médias empresas. Desse seminário resultou a coletânea *La Dynamique spatiale de l'économie contemporaine*, publicada em 1990<sup>21</sup> pelas *Éditions de*

---

<sup>16</sup> Nunca tive documentos comprobatórios relativos a essas apresentações. Diferentemente da tradição brasileira, a grande maioria dos seminários e colóquios franceses não emitem certificados; desse período tenho apenas comprovantes das publicações.

<sup>17</sup> Publicado em MARCONIS, R.; THOUZELLIER, C. (eds.). *Villes et territoires: technologies nouvelles, mutations industrielles et changements urbains*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 1986.

<sup>18</sup> Conheci a socióloga Tamara Benakouche por intermédio de nossos orientadores. No início de 1987, numa conversa informal sobre suas respectivas atividades de orientação, Gabriel Dupuy (orientador de Tamara) e Paul Claval se deram conta de que estavam orientando duas professoras brasileiras sobre o tema das redes de telecomunicações. Temerosos de que estivéssemos construindo o mesmo objeto de estudo, promoveram nossa aproximação. Desde então, outras experiências de trabalho conjunto se sucederam, além de uma sólida amizade.

<sup>19</sup> Publicado no livro *Communications et Territoires*, por La Documentation Française, 1990.

<sup>20</sup> No Document de Recherche du Credal, no. 204, dedicado ao tema das novas tecnologias e seus espaços no Brasil, publiquei o artigo *Les enjeux socio-spatiaux du développement des réseaux de télécommunications* (1989).

<sup>21</sup> DIAS, L.C. Un indicateur de l'organisation territoriale: l'activité bancaire et son évolution au Brésil. In: BENKO, G. (dir.). *La dynamique spatiale de l'économie contemporaine*. La Garenne-Colombes: Éditions de l'Espace Européen, 1990. p. 293-308.

*l'Espace Européen*, na qual se encontra meu artigo *Indicateur de l'organisation territoriale: l'activité bancaire et son évolution au Brésil*.

Através de dúvidas e hesitações, o tema da tese foi progressivamente tomando forma em torno de uma questão central: quais são as implicações da introdução de novas redes de telecomunicações na rede urbana brasileira? Dessa questão central emergiram outras, em particular aquelas que sempre voltavam com insistência: o que se entende exatamente por “novas redes”? Como evitar um salto mortal entre as duas principais instâncias de análise: redes de telecomunicação e rede urbana? Para iluminar a ação das telecomunicações no espaço, impunha-se uma dialética que ligasse a evolução da tecnologia propriamente dita à sociedade da qual emergiu. As redes não se inscrevem no vazio, mas em espaços geográficos plenos de história moldados pelo movimento incessante das disparidades sociais e regionais.

A primeira parte da tese foi consagrada à análise da formação e da evolução da rede urbana brasileira, e ao papel histórico das redes de transporte e telecomunicação. A segunda apresentou os elementos de análise necessários à compreensão da articulação contemporânea entre redes de telecomunicação e rede urbana. Em primeiro lugar examinou a história recente das telecomunicações brasileiras e a implantação das políticas industrial e espacial: de onde veio o estímulo? Como o território foi equipado? Que tipos de serviços foram privilegiados? Em segundo lugar, analisou os interesses econômicos em jogo na instalação das novas redes de telecomunicação. A terceira parte apresentou os usos das redes pelas grandes organizações econômicas instaladas no país, e a grandeza e direção dos vetores de informação que ligam as cidades brasileiras, vetores que adicionam uma nova dimensão ao estudo das redes urbanas<sup>22</sup>. Duas pesquisas de campo realizadas no Brasil - em 1987 e 1988 - em instituições governamentais responsáveis pela elaboração e aplicação de políticas técnico-científicas e de telecomunicações, assim como em onze das maiores organizações

---

<sup>22</sup> Ao lado de Paul Claval e Jean-Robert Pitte, e com larga experiência de pesquisas desenvolvidas no Brasil ao longo dos anos 1960 e 70, Michel Rochefort (Paris I) integrou minha banca de doutorado. Em seu relatório destacou a contribuição inovadora da tese para o estudo das redes urbanas por incorporar a dimensão informacional, e não apenas material, das conexões que articulam as cidades brasileiras.



econômicas presentes no país (nacionais e multinacionais, industriais e terciárias) foram de grande valia, em particular tudo que se relacionava com as novas formas de organização espacial das grandes empresas e com a representação cartográfica do conjunto de fluxos de informação no território brasileiro. Intitulada *Les réseaux de télécommunication et l'organisation territoriale et urbaine au Brésil*, a tese foi defendida em março de 1991, recebendo a menção *très honorable*. A convite do professor Georges Benko, editor da coleção *Géographies en Liberté*, a tese foi publicada em 1995 com o título *Réseaux d'information et réseau urbain au Brésil*, sendo prefaciada por Paul Claval e Milton Santos<sup>23</sup>.

Não poderia encerrar o período de minha estadia em Paris sem reconhecer a riqueza dos ensinamentos do professor Paul Claval no campo da epistemologia da Geografia Humana. Além de ler seus artigos e livros, fui sua aluna numa disciplina inesquecível nomeada *O espaço no pensamento social ocidental: da Renascença aos nossos dias*, quando viajavamos pelo tempo seguindo autores, lugares e paisagens. A seu convite, proferi uma palestra no Instituto de Geografia sobre a Evolução do Pensamento Geográfico no Brasil, que foi retrabalhada e publicada na revista *L'espace géographique*<sup>24</sup>. Tomando como ponto de partida a periodização proposta por Bertha Becker, com base nas rupturas institucionais ocorridas na história da geografia no Brasil<sup>25</sup>, analisei os artigos publicados pela Revista Brasileira de Geografia entre 1939 e 1986, única coleção de periódico geográfico brasileiro disponível na biblioteca da *Rue Saint-Jacques*. No trabalho, sugeri algumas hipóteses para explicar o declínio progressivo do número de trabalhos dedicados à geografia política, geopolítica e geomorfologia ao longo do tempo, em favor da geografia urbana, agrária e regional. Hoje reconheço que as principais limitações do trabalho foram considerar o passado como pré-história, e reconstruir a história da Geografia numa perspectiva mais internalizada.

Em Paris amadureci profissionalmente e construí minha autonomia acadêmica. Com Marcelo, comecei a construir uma família. Na primavera de 1987

---

<sup>23</sup> DIAS, L.C. *Réseaux d'information et réseau urbain au Brésil*. Paris: L'Harmattan, 1995.172 p.

<sup>24</sup> DIAS, L. C. La pensée géographique au Brésil: hier et aujourd'hui. *L'Espace Géographique*, Paris, no. 3, p. 193-202, 1989.

<sup>25</sup> Becker, B. K. Geography in Brazil in the 1980s: background and recent advances. *Progress in human geography*, London, 10 (2), p. 157-182, 1986.

nasceu Gabriel, e de lá voltei grávida de Daniel, que nasceria no inverno carioca de 1991.

### 2.3. VOLTA À UFRJ E TRANSFERÊNCIA PARA A UFSC

Reassumi minhas atividades acadêmicas na UFRJ em março de 1991. No mês de julho entrei em licença maternidade, para retornar às aulas no mês de dezembro em razão de longa greve de 107 dias iniciada no mês de junho, levando professores e estudantes a frequentarem diariamente a Ilha do Fundão nos meses de verão. Marcelo retornara a Paris para concluir seu doutorado em Geografia Física (iniciado um ano após o meu) e só retornaria ao Brasil em abril de 1992, ainda mais motivado pela ideia que ele amadurecia desde meados do nosso doutorado: sair do Rio de Janeiro em direção a Florianópolis<sup>26</sup>. Tudo se precipitou no segundo semestre de 1992, quando fomos avisados por Tamara Benakouche sobre o concurso recém aberto para uma vaga em Geografia Física no Departamento de Geociências. Tínhamos um problema, e uma decisão precisava ser tomada. De minha parte, nunca imaginara viver fora do Rio e do círculo da UFRJ, onde me graduei e passei meus primeiros anos de docência. Contudo, a rotina de vida que imprimi ao voltar do doutorado começou a surtir seus efeitos para me aproximar das aspirações de Marcelo. Voltara com uma nova realidade - meus filhos pequenos precisavam de atenção e cuidado. No lugar de me concentrar somente nas perdas, comecei a olhar para os possíveis ganhos de uma mudança para Florianópolis. Pensei na família e no tempo liberado pelo fim das horas de engarrafamento na metrópole que poderia dedicar aos livros, à pesquisa, à família e ao lazer.

Em dezembro de 1992, Marcelo foi aprovado em primeiro lugar no concurso na UFSC, e em março do ano seguinte iniciou sua vida acadêmica, marcada no começo por cansativas viagens quinzenais de ônibus ao Rio de Janeiro. Nesse momento, dei entrada na licença por motivo de afastamento de cônjuge, solicitando

---

<sup>26</sup> Em Paris, muitas foram as conversas que tivemos sobre a UFSC com Tamara Benakouche.

lotação provisória no Departamento de Geociências da UFSC<sup>27</sup>. Nova greve nas universidades federais fez com que meu processo ficasse parado algumas semanas numa gaveta na reitoria. Somente em setembro de 1993 foi formalizada minha lotação provisória na UFSC.

Entre março de 1991 e setembro de 1993 ministrei na graduação as disciplinas Geografia da População, Tecnologia e Espaço e Metodologia Científica; orientei a bolsista de Iniciação Científica Letícia Parente Ribeiro<sup>28</sup> e comecei a atuar no Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGG). Em consonância com meus estudos de doutorado, criei a linha de pesquisa *Redes e Organização territorial* que abordava o estudo das implicações da inovação técnica na organização territorial brasileira, com base na análise das redes e suas relações com a urbanização, com a divisão territorial do trabalho e com a diferenciação crescente que esta introduziu entre as cidades. No PPGG criei e ministrei a disciplina Redes técnicas e organização territorial; participei pela primeira vez de bancas de mestrado e comecei a orientar três dissertações de mestrado e uma tese de doutorado. Em dezembro de 1991 integrei banca de concurso público na Universidade Federal Fluminense para preencher duas vagas na área de Geografia do Brasil<sup>29</sup>. A convite de Bertha Becker, fui relatora na mesa redonda *Geopolítica da informação: controle, difusão e tipos de rede*, no *workshop* por ela organizado sobre a *Amazônia na virada do milênio*, integrado à *Rio Ciência 92*. Ao lado do estimado Mauricio de Almeida Abreu e de Roberto Lobato Corrêa, Iná Elias de Castro e Mariana Miranda, organizei, entre 1992 e 1993, a terceira edição do Simpósio Nacional de Geografia Urbana, evento regular da Associação dos Geógrafos Brasileiros, quando estive ao lado do professor Milton Santos na mesa redonda *Redes, fluxos e territórios*. No mesmo ano participava de mesa redonda no congresso *O Novo Mapa do Mundo*, por ele organizada na USP. Nesse conjunto de eventos tive

---

<sup>27</sup> Conforme previsto no parágrafo 2o. do artigo 84 da Lei no. 8.112, de 11/12/1990, anexei ao processo ofício do Departamento de Geociências da UFSC aceitando minha lotação provisória e ofício do Instituto de Geociências da UFRJ concordando com meu deslocamento. A transferência definitiva ocorreria em 11 de abril de 1995.

<sup>28</sup> Com minha mudança, Letícia Parente Ribeiro passou a ser orientada por Lia Osório Machado, e atualmente é professora no Departamento de Geografia da UFRJ.

<sup>29</sup> Neste concurso foram aprovados Carlos Walter Porto Gonçalves e Marcio Pinon Oliveira, meu primeiro bolsista IC nos anos 1980.

oportunidade de apresentar muito do que refleti durante o doutorado, abrindo um campo de discussão sobre o papel das redes na organização do território brasileiro.

### 3. TEMPOS DE UFSC

Ao longo do primeiro semestre de 1993 estabeleci contatos com a chefe do Departamento de Geociências, Maria Dolores Buss<sup>30</sup>, e com a coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG), Mariléa Leal Caruso, com o objetivo de iniciar a organização de minha nova vida acadêmica. Considerando que só chegaria à UFSC em fins de setembro, decidimos que nos meses de outubro e novembro ministraria na pós-graduação a disciplina Redes Técnicas e Organização Territorial<sup>31</sup>. Pensando na programação para o primeiro semestre de 1994, fui convidada a assumir no PPGG a disciplina de Epistemologia, porquanto o professor Alberto Cupani partiria para um pós-doutorado na França e não havia naquele momento no Departamento de Filosofia quem pudesse substituí-lo. Aceitei com a condição de compartilhar a disciplina com meu colega Paulo César da Costa Gomes (UFRJ), recém-chegado de seu doutorado na França, onde desenvolveu a tese que deu origem ao livro *Geografia e Modernidade*<sup>32</sup>. Não tinha dúvida de que o professor Gomes seria o nome mais acertado para essa tarefa, conforme ficou demonstrado pelo entusiasmo despertado nos mestrandos que durante uma semana mergulharam no debate sobre a epistemologia da ciência e da Geografia<sup>33</sup>. Para o primeiro semestre de 1994 minha presença também foi programada na graduação com a disciplina Introdução ao Pensamento Geográfico, que na reforma curricular de 2007 foi renomeada História do Pensamento Geográfico. Nos anos seguintes, sucessões mais ou menos aleatórias e imprevistas abririam novos caminhos no

---

<sup>30</sup> Conhecia Maria Dolores Buss desde 1976, quando ela iniciou seu curso de Mestrado em Geografia na UFRJ.

<sup>31</sup> Nessa primeira turma que assumi no PPGG, conheci Elson Manoel Pereira, à época jovem professor no Centro de Comunicação e Expressão da UFSC. Alguns anos mais tarde coorientei sua tese desenvolvida em Grenoble sob orientação do historiador Rémi Baudouin e defendida em setembro de 1999: PEREIRA, E. M. **Histoire d'un outil d'aménagement: le zonage**. L'exemple d'une ville brésilienne. 1999. Tese (Doutorado em Urbanismo) - Université Pierre Mendès, France, Grenoble II. Algum tempo após seu retorno do doutorado ele obteve transferência para o Departamento de Geociências, e desde então estabelecemos sólidos laços de amizade e cooperação, conforme será relatado mais adiante neste memorial.

<sup>32</sup> GOMES, P. C. da. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

<sup>33</sup> Dois anos depois, Paulo César da Costa Gomes foi convidado pela Folha de São Paulo para resenhar o livro *A Natureza do Espaço*, de autoria de Milton Santos. Resenha disponível em: [http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/12/13/caderno\\_especial/10.html](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/12/13/caderno_especial/10.html). Acesso em 07/09/2017.

ensino, na pesquisa, na extensão e na administração. Muitos outros ganhos aconteceriam além daqueles imaginados quando decidi transferir-me da UFRJ para a UFSC. E aquele passado na minha instituição de origem não haveria de ser relegado ao esquecimento.

### 3.1. PERCURSOS NA DOCÊNCIA

Cheguei à UFSC imaginando que meu horizonte de atuação se limitaria ao Departamento de Geociências. Não imaginava que um projeto ambicioso estava em curso sob o comando de um pequeno grupo de professores entusiastas da construção de um campo interdisciplinar de ensino e pesquisa que unisse várias vertentes de conhecimento. Nas palavras de um dos seus fundadores, o saudoso professor Selvino Assmann, "[...] a universidade deveria desenvolver mais a abordagem supradisciplinar, e não cortar os objetos de estudos em tamanhos pedaços de especialização. É uma tentativa de voltar a reunir o conhecimento humano"<sup>34</sup>. Tratava-se do Doutorado Interdisciplinar em Sociedade e Meio-Ambiente, que seria fundado em 1995<sup>35</sup>, e que em 1998 teve seu nome mudado para Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas, quando às duas áreas de concentração iniciais - Sociedade e Meio Ambiente e Condição Humana na Modernidade - somou-se em 2000 uma nova área: Estudos de Gênero.

No início de 1994, fui convidada pelo professor Luiz Fernando Scheibe a participar de algumas reuniões desse grupo, e logo estava comprometida a participar dessa inovadora experiência. Inovadora não somente pela temática, mas também pela forma como a proposta foi concebida e operacionalizada. Cada disciplina deveria contar com três a quatro professores oriundos de diferentes departamentos do CFH que trabalhariam conjuntamente e estariam presentes em todas as aulas. Ao contrário do frequente desastre de experiências dessa natureza,

---

<sup>34</sup> Disponível em <http://noticias.ufsc.br/2016/10/selvino-jose-assmann-40-anos-dedicados-a-sala-de-aula/>. Acesso em 09/10/2017.

<sup>35</sup> Soube há pouco tempo, pelo professor Luiz Fernando Scheibe, que Eric Hobsbawn assinou a ata de instalação do Programa.

esse formato contribuiu para que a interdisciplinaridade efetivamente fosse buscada sem retalhar disciplinas em partes que mal se comunicam. No segundo semestre de 1995 atuei na disciplina Seminário 1 - Epistemologia e Interdisciplinaridade, ao lado de Selvino Assmann e Maria Ignez Paulilo (Sociologia Política), e um ano depois atuei na disciplina Movimentos Sociais e Relações de Gênero, ao lado de Héctor Leis e Ilse Scherer-Warren (Sociologia Política), Joana Pedro (História) e Mara Lago (Psicologia). É difícil expressar todos os ganhos que auferi. Vinha de um departamento de Geografia, que ao lado da Astronomia, da Geologia e da Meteorologia integrava o Instituto de Geociências, que por sua vez integrava - na estrutura da UFRJ - o Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza. Historiadores, filósofos e sociólogos permaneciam fisicamente afastados, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) no centro da cidade. É fato que essa distância não impedira movimentos aproximativos com este ou aquele colega lembro-me particularmente do antropólogo Luís Eduardo Soares e da socióloga Ana Clara Torres Ribeiro, que frequentavam o Departamento de Geografia na virada dos anos 1970/80 por iniciativa tanto do Programa de Pós-Graduação quanto de Bertha Becker (ambos colaboraram em projetos por ela coordenados, financiados pela FINEP). A proximidade física entre esses departamentos na UFSC favorecia a cooperação entre distintos e especializados campos de saber científico, transformando parte do CFH num espaço interdisciplinar por excelência, onde novas práticas se instalavam. Conforme destacou Hector Leis em nossa última aula na disciplina de Movimentos Sociais em 1996, reuníamos - professores e alunos - a primeira condição para a prática interdisciplinar: a tolerância.

Ao mesmo tempo em que atuava no doutorado interdisciplinar, envolvia-me com ensino e orientação no Departamento de Geociências. Na graduação ministrei regularmente as disciplinas de Introdução ao pensamento geográfico<sup>36</sup>, Teoria e métodos da Geografia e TCC Projeto. Participei da reforma curricular de 2007, quando criei e passei a ministrar a disciplina eletiva A Geografia das redes e dos territórios. Estive e continuo permanentemente preocupada em encontrar estratégias que envolvam e comprometam os alunos no processo de aprendizagem. Acredito que o conhecimento só acontece quando minhas informações

---

<sup>36</sup> Renomeada como História do pensamento geográfico na Reforma Curricular de 1997.

interagem com as deles. Caso contrário, nada é construído, e as palavras se perdem. De tempos em tempos penso em novos projetos: se em alguns anos meus estudantes de História do Pensamento Geográfico se imaginaram viajantes naturalistas aportando na Ilha de Santa Catarina com suas cadernetas de campo preenchidas de impressões, desenhos e espécies vegetais, em outros eles dramatizaram breves cenas teatrais - vivas estão na minha memória as cenas de Paul Vidal de La Blache sendo entrevistado num café parisiense para a Revista *Annales de Géographie*, por ele fundada em 1891, e a do encontro entre Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland com uma tribo indígena na América do Sul no limiar do século XIX. Quando percebi que muitos alunos chegavam ao final da graduação sem terem manuseado um único periódico geográfico, passei a incluir na disciplina Teoria e Métodos da Geografia um trabalho de caracterização dos principais periódicos geográficos nacionais que culmina com a análise crítica de um artigo científico, que deve contemplar claramente os enunciados: o problema de pesquisa, os objetivos, os métodos e as técnicas.

As disciplinas que ofereci no Programa de Pós-Graduação em Geografia apontam os dois campos que me instigam desde a conclusão do doutorado: a) um campo crítico de discussão sobre as formas de pensamento científico - incluindo as disciplinas de Epistemologia, que compartilhei ao longo do tempo com os professores Paulo César da Costa Gomes, Marco Antonio Franciotti (Filosofia, UFSC) e, mais recentemente, com Daniela de Souza Onça (FAED UDESC), de Orientação da Pesquisa Geográfica, de Seminário de Pesquisa, de Seminário de Tese e de Métodos Qualitativos de Pesquisa Geográfica; e b) um campo sobre a relação entre as redes e os territórios - incluindo aqui as disciplinas Redes Técnicas e Organização Territorial (1993 e 1994), Desenvolvimento Tecnológico e Urbanização: o papel das redes de informação (de 1996 a 2006), e a Geografia das redes e dos territórios (desde 2002). Nesta última apresento o debate contemporâneo sobre a relação entre redes e territórios em torno de quatro questões principais: a) Como os conceitos modernos de rede e de território se formaram e evoluíram no último século? b) Quais são os termos do debate contemporâneo sobre as relações entre a técnica e a sociedade e como o estudo da relação entre a rede e o território está inscrito nesse debate? c) Quais as principais críticas formuladas pelos



diferentes autores à concepção da rede como sujeito da ação? Em outras palavras, como eles reagem à tese do determinismo tecnológico? d) A rede produz hoje variadas representações e discursos. Como pensar a construção de um caminho teórico-metodológico para integrá-la na análise geográfica? Essas questões emergiram nas pesquisas e nas orientações, atestando que ensino e pesquisa são indissociáveis.

Desde que cheguei à UFSC orientei 21 dissertações, 13 teses<sup>37</sup>, 13 TCCs e 24 trabalhos de Iniciação Científica; participei de 55 bancas de dissertação, 38 de doutorado, 21 de TCC e 51 qualificações de mestrado e de doutorado<sup>38</sup>. Grande parte das orientações de TCC, mestrado e doutorado podem ser agrupadas em pelo menos seis temáticas de pesquisa: 1) Redes técnicas, redes econômicas e organização territorial (Paulo Peiter, 1994; André Santos, 1996 e 1999; Vanda Ueda, 1998; Cintia Godoi, 2007; Talita Lenz, 2015; Lairton Comerlatto, 2015; Roberto Finatto, 2015); 2) Geografia das redes bancárias, financeiras e microfinanceiras (Izabel Marcelino, 1999; Morris Scherer-Warren, 1999; Sandra Videira, 1999; Araci Muller, 2004; Maria Helena Lenzi, 2006; Simone Moretti, 2006 e 2009; Pedro Pantel, 2007; Livia Corigliano, 2008 e 2013; Mayra Mattos, 2014 e 2016); 3) Corporação e território (Rogério Silveira, 1997 e 2007; Gláucio Marafon, 1998; Cristóvão Brito, 2004; César Ávila Martins, 2006); 4) Divisão do espaço e uso do território (Normando Costa, 1999; Adilar Cigolini, 1999 e 2009; Valesca Marques, 2003; Maria Terezinha Marcon, 2009; Andreza Martins, 2012; Lucas Magno, 2017; Guilherme Fabrin, 2017); 5) Fronteiras, redes e trajetórias migratórias (Maristela Ferrari, 2003 e 2011; Gislene Santos, 2007; Nádia Burgos, 2009; Adriana Dorfmann, 2009; Tiago Martins, 2012; Stella Pereira, 2014; Rafael Chasles, 2017); 6) Urbanização,

---

<sup>37</sup> Quatro dos treze doutores que orientei já tinham sólidas posições profissionais, atuando em universidades federais, estadual, e comunitária (Lilian Mariano da Rocha na UFSM, César Ávila Martins na FURG, Cristóvão Brito na UESF - aprovado em concurso na UFBA após o doutorado -e Rogério Leandro da Silveira na UNISC). Outros seis são hoje professores em universidades e instituto federais, universidade estadual e privada (Adriana Dorfmann na UFRGS, Adilar Cigolini na UFPR, Roberto Finatto na UFFS, Gislene Santos na UFRJ, Lucas Magno no IF-Sudeste MG, Maristela Ferrari na Unioeste em Marechal Cândido Rondon). Talita Lenz é professora na UNIASSELVI em Indaial, Lairton Comerlatto tem atuado no ensino superior público (substituto na UFSC) e privado, e Maria Teresinha Marcon, aposentada, presta consultoria em análise urbana e regional.

<sup>38</sup> Além da UFSC e da UFRJ, participei de bancas de pós-graduação na UFRGS, FURB, UFPR, PUC (Paraná), UNICENTRO (Guarapuava), USP, UNESP (Presidente Prudente), UFG, UFBA, UFPE, UFS, UNIR, Université Pierre Mendes France Grenoble II e Université Paris Sorbonne.

imagem e mobilidade urbana em Florianópolis (Fátima Pereira, 1999; Tiago Cargnin Gonçalves, 2010; Maria Helena Lenzi, 2010; Luiz Ferreira Sobrinho, 2012)<sup>39</sup>.

As 24 bolsas de Iniciação Científica que orientei na UFSC estão vinculadas aos projetos de pesquisa que desenvolvo desde 1992, com apoio do CNPq. Um olhar sobre a trajetória profissional de cada ex-bolsista revela o acerto da política científica de iniciação à pesquisa que perdura no país desde os anos 1970, e como seus interesses de pesquisa - temáticos e teóricos - foram reorientados no mestrado e/ou no doutorado<sup>40</sup>. Foram livres *de partir e começar algo novo e inaudito*, usando a bela definição de Hannah Arendt sobre a liberdade<sup>41</sup>.

## 3.2. CAMINHOS NA PESQUISA

### 3.2.1. DAS REDES TÉCNICAS ÀS REDES BANCÁRIAS

Entre 1993 e 1999 tive solicitações aprovadas pelo CNPq em Auxílios Integrados de Pesquisa, incluindo bolsas de apoio técnico, de IC e de Produtividade em Pesquisa<sup>42</sup>, e com essas bolsas pude dar continuidade à pesquisa conduzida no

---

<sup>39</sup> As referências completas desses trabalhos encontram-se em meu curriculum lattes.

<sup>40</sup> Dois exemplos: ainda sob minha orientação, Maria Helena Lenzi reorientou sua pesquisa de mestrado para o tema da imagem da cidade, partiu para o doutorado na USP, e hoje é minha colega de departamento, organizando um pequeno grupo de pesquisa sobre a Epistemologia da Geografia numa perspectiva feminista. Morris Scherer-Warren seguiu para o Mestrado em Sensoriamento Remoto no Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE -, doutorado na UnB sobre Tecnologia ambiental e recursos hídricos, e desde 2004 trabalha na Agência Nacional de Águas - ANA.

<sup>41</sup> “Somente na liberdade de falarmos uns com os outros é que surge, totalmente objetivo e visível desde todos os lados, o mundo sobre o qual se fala. Viver num mundo real e falar uns com os outros sobre ele são basicamente a mesma coisa [...]. Liberdade - liberdade de partir e começar algo novo e inaudito, liberdade de interagir oralmente com muitos outros e experimentar a diversidade que é a totalidade do mundo, é a substância e o significado de tudo que é político”. ARENDT, H. **A promessa da política**. Rio de Janeiro: Difel, 2008. p. 185.

<sup>42</sup> Processos: 500684/1992-8 - Implicações das redes de informação na organização territorial brasileira (1 bolsa de apoio técnico e 1 bolsa IC - 1/8/92 a 31/7/94 ); 521837/1993-6 - Implicações das redes de informação na organização territorial brasileira (produtividade em pesquisa II A - 1/3/94 a 28/2/96, e apoio técnico e IC - 1/8/94 a 28/7/96); 522994/1995-4 - Implicações das redes de informação na organização territorial brasileira (produtividade em pesquisa II A - 1/3/96 a 28/2/98); 522994/1995-4 - Redes eletrônicas e dinâmica espacial do sistema bancário no Brasil

doutorado sobre as implicações das redes de telecomunicação na rede urbana brasileira.

As pesquisas tratavam teórica e empiricamente o processo de crescente fluidez do espaço: informações eram processadas e transmitidas instantânea e simultaneamente entre vários pontos do planeta. O fato de os lugares estarem virtualmente aproximados de quaisquer outros lugares levou à difusão da tese da dissolução do espaço, quando geógrafos e outros cientistas sociais repetiam a tese de Paul Virílio: “A contração das distâncias se tornou uma realidade estratégica de conseqüências incalculáveis, pois ela corresponde à negação do espaço [...] a localização geográfica parece ter definitivamente perdido seu valor estratégico...” (1977, p. 131 e 133)<sup>43</sup>. Numa entrevista concedida à revista *Margem*, Milton Santos introduziu um dado esclarecedor nesse debate, mostrando que Virílio “não trabalha o espaço da mesma forma que nós. O espaço de Virílio é o espaço da guerra”(1993, p. 12)<sup>44</sup>. O que fazer, então com essa metáfora, “na medida em que nossa matéria-prima é o espaço banal e este não se extinguiu com a aceleração contemporânea, mas apenas mudou de qualidade?”, questiona Milton Santos em outro trabalho (1993, p, 1)<sup>45</sup>. Mais uma vez ele insistia na necessidade da construção epistemológica, na tarefa de distinguir metáfora e conceito e assim se aproximar do mundo de hoje.

A imagem piramidal e hierárquica tradicionalmente associada ao território, na qual os efeitos de proximidade têm supremacia sobre os efeitos de interdependência a longa distância era cada vez menos verdadeira. Próprios de economia globalizada, os processos em curso engendraram outra representação, na qual a posição das cidades/nós numa rede de relações a grande escala interage a economias locais e aos efeitos de proximidade, conforme discutia P. Veltz (1994)<sup>46</sup>. No

---

(produtividade em pesquisa II A -1/3/98 a 28/2/2000). Esta última bolsa foi suspensa em dezembro de 1999 quando fui contemplada com bolsa de pós-doutorado pela CAPES.

<sup>43</sup> VIRILIO, P. *Vitesse et Politique*, Paris, Galilée, 1977.

<sup>44</sup> SANTOS, M. Espaço, mundo globalizado, pós-modernidade. São Paulo, *Margem*, 2, p. 9-20, 1993.

<sup>45</sup> SANTOS, M. Tempo e espaço mundo ou, apenas, tempo e espaço hegemônico? XVII Encontro Nacional da ANPOCS, 1993. 6 p.

<sup>46</sup> VELTZ, P. *Des territoires pour apprendre et innover*. Le Château: Éditions de l’Aube, 1994. 95 p.

quadro de uma economia global, as formas como os diferentes setores econômicos utilizavam as redes não tinham a mesma amplitude: o setor financeiro era, de longe, o maior usuário. Nossas cartografias das redes bancárias foram evidenciando: que os bancos - de atividade a princípio regional, a seguir nacional - operavam num mercado internacional de moedas, de crédito e de capitais; e que a localização desses bancos ampliava ainda mais a concentração financeira na cidade de São Paulo (Dias, 1996; Scherer-Warren, 1999; Videira, 1999<sup>47</sup>). Contudo, o fortalecimento do papel de São Paulo cursava em paralelo com mudanças igualmente importantes no conjunto da rede urbana brasileira.

Nesse sentido, o exemplo da Amazônia foi esclarecedor. A ligação direta e instantânea de certas localidades da Amazônia com os principais centros econômicos do país estava tornando, em parte, desnecessária a mediação anteriormente realizada pelos degraus inferiores da hierarquia urbana. Novas redes em relação com novas formas organizacionais de produção iam marginalizando centros urbanos que tiravam sua força dos laços de proximidade geográfica. A pesquisa evidenciou outro dado: as redes de telecomunicação veiculavam também a ordem da ilegalidade. A Amazônia ocidental era bem conhecida como cenário de múltiplas atividades ilegais (contrabando de materiais eletrônicos e de ouro, refino e tráfico de drogas), e a análise da repartição dos fluxos de informação confirmava a presença de redes de transmissão de dados que operavam 24 horas por dia em centros urbanos que não comportavam atividades econômicas legais e que estavam fortemente articulados por via aérea e fluvial à Colômbia e ao Peru, como Tefé e Tabatinga<sup>48</sup>.

---

<sup>47</sup> DIAS, L.C. Redes eletrônicas e novas dinâmicas do território brasileiro. In: CASTRO, I. ; GOMES, P.C.; CORREA, R.L. (orgs.) **Questões atuais da reorganização do território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996, p.115-144. SCHERER-WARREN, M. Evolução dos padrões de localização dos cinco maiores bancos privados no Brasil no período 1986-96. 1999. 59 f. Graduação (Geografia) - Departamento de Geociências, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999. VIDEIRA, S. L. Dinâmica espacial do sistema bancário no estado de São Paulo. 1999. 153 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

<sup>48</sup> Em pesquisa de campo na Embratel (1988), obtive um banco de dados relativos à rede Transdata, principal rede de transmissão dos dados do país em 1988, formada por um conjunto de 14.867 circuitos que articulavam 804 centros urbanos no país. Eram dados relativos aos circuitos - expressos em número de kilobits por segundo - que ligavam pares de cidades brasileiras, possibilitando a representação cartográfica segundo níveis hierárquicos dos nós e dos fluxos em

Entre as publicações desse período, cumpre destacar três delas em particular. Pela síntese teórica/empírica e pela repercussão, o artigo *Redes: emergência e organização*, publicado a convite dos organizadores na coletânea *Geografia: conceitos e temas*<sup>49</sup>. O artigo foi selecionado por Graciela Uribe Ortega para compor a publicação mexicana *Cuaderno de geografía brasileña*, que reúne trabalhos de outros dez geógrafos brasileiros<sup>50</sup>; foi citado no referencial teórico da clássica edição do IBGE sobre Regiões de Influência das Cidades<sup>51</sup>; e constitui meu trabalho mais citado, segundo a fonte *Google Scholar Citations*<sup>52</sup>. Os outros dois foram o artigo *Réseau de télécommunications et métropole: ordre et désordre dans le rôle hégémonique de São Paulo*<sup>53</sup>, que resultou de minha intervenção no Colóquio *Métropolisation et Politique*, organizado por Paul Claval e André-Louis Sanguin na Sorbonne em 1994<sup>54</sup>, e *La géographie du système bancaire au Brésil: mutations et tendances*, escrito a convite dos editores na obra *Géographie et liberté*, que reunia 66 artigos de colegas e de ex-discípulos de Paul Claval num livro para homenageá-lo<sup>55</sup>. Nesse artigo, abordei o tema das novas configurações espaciais do sistema bancário que resultava da inserção do Brasil no processo mais amplo de mudança dos sistemas de produção e dos sistemas bancário e financeiro internacionais. Faltava-me, contudo, melhor compreender o teor dessas mudanças, e foi com esse objetivo que preparei o projeto de pós-doutorado, aprovado pela CAPES

---

diferentes escalas espaciais; cada nó da rede correspondia à soma de todos os fluxos que transitavam pelo centro urbano considerado. Esses dados foram utilizados na tese, e nas pesquisas seguintes, além de terem sido disponibilizados para colegas que se interessaram por esse indicador. Nos anos seguintes, o processo de privatização das telecomunicações no país inviabilizou a difusão dessas informações, e guardo com cuidado esse material até hoje.

<sup>49</sup> DIAS, L. C. *Redes: emergência e organização*. In: CASTRO, I. ; GOMES, P.C.; CORREA, R.L. (orgs.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.141-164.

<sup>50</sup> DIAS, L. C. *Redes: surgimiento y organización*. In: ORTEGA, G. U.(org.) **Cuadernos de Geografía Brasileña**, 1998. p. 171-188.

<sup>51</sup> IBGE. **Regiões de Influência das Cidades 1993**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. 230 p.

<sup>52</sup> Disponível em [https://scholar.google.com/citations?user=0\\_1fstEAAA](https://scholar.google.com/citations?user=0_1fstEAAA). Acesso em 11/10/2017.

<sup>53</sup> DIAS, L.C. *Réseau de télécommunication et métropole: ordre et désordre dans le rôle hégémonique de São Paulo*. In: CLAVAL, P.; SANGUIN, A.L. (orgs.). **Métropolisation et Politique**. Paris: L'Harmattan, 1997. p. 215-212.

<sup>54</sup> Entre 1993 e 1999, apresentei resultados da pesquisa em inúmeros seminários e congressos, conforme atestam meu curriculum lattes e os documentos comprobatórios no volume anexo a este memorial.

<sup>55</sup> DIAS, L.C. *La géographie du système bancaire au Brésil: mutations et tendances*. In: PITTE, J.R.; SANGUIN, A.L. (orgs.). **Géographie et liberté - mélanges en hommage à Paul Claval**. Paris: L'Harmattan, 1999. p. 359-366.

e pelo CNPq, que viabilizou meu retorno a Paris em dezembro de 1999 para um ano de pós-doutorado<sup>56</sup>.

### 3.2.2. RETORNANDO A PARIS

Conheci Georges Benko, professor na Universidade de Paris I e no *Centre d'Études de modes d'industrialisation* situado na *École des Hautes Études en Sciences Sociales (CEMI-EHESS)*, em 1987, quando ele organizou um grande colóquio internacional sobre a Teoria Social Contemporânea<sup>57</sup>. Dois anos depois ele comandou um seminário sobre a dinâmica espacial da economia contemporânea, no qual fui convidada a apresentar trabalho sobre o tema que desenvolvia no doutorado<sup>58</sup>. Logo que defendi a tese, recebi seu convite para publicá-la na coleção que ele dirigia na editora L'Harmattan. A convite do professor Milton Santos, Benko veio ao Brasil em 1992 para participar do seminário *O novo mapa do mundo*, na USP. Aproveitando sua vinda, com meus colegas na UFRJ organizei uma agenda de atividades acadêmicas no Rio. Economista e doutor em Geografia, G. Benko era autor de obras relevantes no campo da Geografia Econômica<sup>59</sup>, e mais aberto aos contatos e à literatura anglo-saxônica do que a média de seus colegas franceses<sup>60</sup>. Julguei ser ele o nome adequado para supervisionar meu estágio pós-doutoral.

Após dois anos de dedicação quase exclusiva à coordenação do PPGG da UFSC (1997 e 1998), cheguei a Paris almejando um ano sabático que me desse a

---

<sup>56</sup> Marcelo foi igualmente contemplado com uma bolsa de pós-doutorado pelo CNPq. Acharmos prudente que eu optasse pela da CAPES, considerando possíveis riscos de atraso no pagamento de uma dessas fontes, especialmente porque partíamos em família - com Gabriel e Daniel, naquele momento com 12 e 8 anos.

<sup>57</sup> Os artigos apresentados neste colóquio foram reunidos em: BENKO, G. **Les nouveaux aspects de la théorie sociale: de la géographie à la sociologie**. Caen: Paradigme,; Centre Culturel Canadien, 1988. 276 p.

<sup>58</sup> DIAS, 1990, op. cit.

<sup>59</sup> BENKO, G.; DUNFORD, M. (dir.). **Industrial Change and Regional Development: The Transformation of New Industrial Spaces**, London: Belhaven Press-Pinter, 1991. 329 p. BENKO, G.; LIPIETZ, A. (dir.). **Les régions qui gagnent**. Districts et réseaux: les nouveaux paradigmes de la géographie économique, Paris: PUF, 1992. 424 p. BENKO, G.; STROHMAYER, U. **Geography, History and Social Sciences**, Dordrecht-London-Boston: Kluwer Academic Publishers, 1995. 268 p. BENKO, G. **La science régionale**, Paris: PUF, col. Que sais-je ? no 3355, 1998. 128 p.

<sup>60</sup> A propósito, esta era e continua sendo também uma característica do professor Paul Claval.

oportunidade para pesquisar, frequentar conferências e seminários e organizar um livro sobre o Brasil que seria publicado na coleção dirigida por Georges Benko na editora L'Harmattan. Iniciado dois anos antes, esse livro tinha sido deixado de lado por absoluta falta de tempo.

Considero um privilégio ter podido acompanhar o ciclo de conferências *Penseurs au tournant du siècle. Une oeuvre, une vie*, organizado pelo professor Benko ao longo do ano 2000 na Cidade Universitária de Paris. No formato a proposta era original: conferências na forma de entrevistas; em cada sessão, além do convidado principal, estavam presentes pelo menos mais dois pesquisadores e/ou entrevistadores. Geógrafos, sociólogos, economistas, filósofos e jornalistas de revistas especializadas - franceses e estrangeiros - contribuíram com o debate sobre a evolução mais recente das ideias no contexto internacional<sup>61</sup>. Nesse período, proferi palestras sobre meu trabalho no *EHESS*, no *Institut d' Études Politiques de Paris* e no *Institut de l'Amérique Latine*. A convite do professor Paul Claval, integrei a banca de doutorado de Eustógio Correia Dantas na Universidade de Paris IV. Prefaciado por Paul Claval e organizado em colaboração com Cécile Raud, o livro *Villes et Régions au Brésil* saiu do prelo em dezembro de 2000 (às vésperas de minha volta ao Brasil); contava com 12 artigos que abordavam o território e a urbanização, a escala urbana e as dinâmicas regionais<sup>62</sup>.

Pesquisei nos acervos das bibliotecas do Instituto de Geografia, da biblioteca nacional, e principalmente na da *EHESS*, realizando vasta revisão da literatura em livros e periódicos, em inglês e francês. Tive acesso a publicações especializadas, como a revista editada pelo *Banque Européenne d'Investissement*, assim como aquelas dedicadas à economia e à política internacional. Tive também acesso a anuários estatísticos internacionais com dados originais sobre o quadro financeiro internacional. Realizei duas entrevistas que complementaram o trabalho de revisão bibliográfica com especialistas em inovações financeiras e tecnológicas do Banco *Crédit Lyonnais* e do *BNP-Banque Nationale de Paris*.

---

<sup>61</sup> Foram eles: os geógrafos Paul Claval, Yves Lacoste e Allen Scott; os economistas Jean-Jacques Laffont, Edmond Malinvaud e Alain Lipietz; e os sociólogos Ulrich Beck, Raymond Boudon, Michel Crozier e Edgar Morin.

<sup>62</sup> DIAS, L.C.; RAUD, C. (orgs.) *Villes et régions au Brésil*. Paris: L' Harmattan, 2000. 220 p.

A pesquisa sobre a inserção dos diversos países no processo mais amplo de transformação dos sistemas bancários e financeiros internacionais me levou a conclusões mais matizadas sobre o processo de mundialização financeira. A revisão da literatura internacional em países diversos, como Grã-Bretanha, França, Itália, Turquia e EUA, mostrou que as diversas configurações resultam da tensão entre os determinantes internos a cada Estado-Nação (históricos, geográficos, econômicos, organizacionais e políticos) e a internacionalização das finanças. Embora a mundialização econômica transforme os Estados - quando, por exemplo, certos componentes de soberania do Estado-Nação são transferidos a entidades supranacionais - os espaços nacionais ainda guardam suas especificidades e não se ajustam à imagem de novo conjunto completamente mundializado. A pesquisa bibliográfica e as entrevistas me auxiliaram a compreender o modo como o subsistema bancário se reorganiza no interior do sistema financeiro. A maneira como esses processos se inter-relacionam é complexa e engendra em cada país uma configuração espacial diferente. Um dos meus desafios nos anos seguintes seria compreender como cada escala geográfica é, ao mesmo tempo, cenário e ator das mudanças contemporâneas.

### 3.2.3. REDES, TERRITÓRIOS E FINANÇAS

Minha trajetória de pesquisa vem sendo marcada pela ideia de rede. As redes não têm sido as mesmas, e nem o sentido que lhes atribuo permaneceu inalterado ao longo do tempo. Desde os anos 2000, interessei-me pelo conteúdo do conceito, por seus sentidos e usos. E segui investigando mudanças na configuração de redes bancárias, financeiras e microfinanceiras em suas dimensões espacial, tecnológica, normativa, política e econômica, à luz do processo mais amplo de transformação do sistema financeiro internacional a partir de projetos.



### 3.2.3.1. Os sentidos da rede

Desde a década de 1970, as inovações técnicas deram lugar a uma vasta literatura sobre o papel das redes na organização territorial. À medida que minhas leituras e pesquisas avançavam, fui reconhecendo o quanto esse debate era fortemente marcado por um viés determinista. Nas representações e discursos que se multiplicavam, a rede técnica aparecia muitas vezes como o sujeito capaz de criar condições sociais inéditas e de estruturar os territórios (Dias, 1995, op. cit.). Conhecia um pouco da história do conceito de rede, mas até então desconhecia de onde vinham esses discursos prospectivos, segundo o pressuposto de causalidade linear entre o desenvolvimento técnico e as mudanças sociais e espaciais. Debrucei-me, então, numa pesquisa bibliográfica sobre o conteúdo do conceito de rede.

Nos trabalhos de Pierre Musso (2001; 2003<sup>63</sup>) aprendi que o conceito moderno de rede se formou na filosofia de Saint-Simon. Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon, nasceu em Paris cerca de 30 anos antes da Revolução Francesa. Largamente influenciado pelas ideias iluministas (foi discípulo de D'Alembert) o filósofo e economista francês defendeu a criação de um Estado organizado racionalmente por cientistas e industriais. Seu pensamento está inscrito no projeto dos chamados socialistas utópicos. Saint-Simon partiu da ideia de que o corpo humano se solidifica e morre quando a circulação é suspensa. Graças a essa analogia de organismo-rede, Saint-Simon dispôs de uma ferramenta de análise para conceber uma ciência política e formular um "projeto de melhoria geral do território da França", que consistia em traçar sobre seu território (organismo) as redes observadas no corpo humano para assegurar a circulação de todos os fluxos, enriquecendo o país e melhorando as condições de vida, incluindo as classes mais pobres da população (Musso, 2001).

As poucas referências que eu encontrara até então mostravam como o pensamento de Saint-Simon e dos seus adeptos exerceu forte influência sobre

---

<sup>63</sup> MUSSO, P. Genèse et critique de la notion de réseau. In: PARROCHIA, D. (Org.). *Penser les réseaux*. Seyssel: Champ Vallon, 2001. p.7-23. MUSSO, P. *Critique des réseaux*. Paris: PUF. 2003.

intelectuais, políticos e governantes europeus, e a uni-los a forte crença no desenvolvimento tecnológico e na racionalidade tecnocrática, superestimando as mudanças técnicas. Foi em P. Musso que encontrei a tese relativamente original sobre as diferenças entre Saint-Simon e seus seguidores na construção da história das ideias do século XIX. Seu argumento central é que Saint-Simon teria forjado o conceito de rede para pensar a mudança social, e nesse contexto, as redes de comunicação eram percebidas como mediadores técnicos de tal mudança. Seus discípulos, ao contrário, teriam feito o caminho inverso ao do mestre, e para eles as redes tornaram-se as próprias produtoras de relações sociais, até mesmo de uma revolução social. Segundo Musso, as frases fundadoras da contemporânea ideologia da comunicação não se encontrariam na obra de Saint-Simon, mas na de seus seguidores (2001, 2003). Em outras palavras, a rede e a promessa de transformação da sociedade não constituem uma forma recente nem original de representar a realidade. Na verdade, são uma forma reatualizada a cada inovação técnica: inicialmente com a estrada de ferro, a seguir o telégrafo, a eletricidade, o telefone, e hoje com a internet.

Como escapar da armadilha do paradigma sansimonista? Como avançar na construção de um conceito de rede no campo do conhecimento geográfico, liberto das amarras do determinismo tecnológico? Essas são questões que me mobilizam na pesquisa e que discuto na docência, ressaltando a necessidade de desenvolver ferramentas conceituais e metodológicas que permitam compreender a natureza das mudanças em curso no lugar de anunciar a transformação social ou territorial na melhor tradição sansimonista. Como qualquer outra invenção humana, a rede é uma construção social. Indivíduos, grupos, instituições ou firmas desenvolvem estratégias de toda ordem (políticas, sociais, econômicas e territoriais) e se organizam em rede. A rede não constitui o sujeito da ação, mas expressa ou define a escala das ações sociais.

Nos anos 2000, essas ideias foram discutidas em conferências e palestras<sup>64</sup> e em seminários e cursos ministrados em Programas de Pós-Graduação de outras

---

<sup>64</sup> Destaco particularmente a conferência *Redes e territórios* no Seminário de Doutorado, UNESP (Presidente Prudente), 2002; conferência de abertura do XXIV Encontro Estadual de Geografia - *Redes técnicas e território* -, promovido pela AGB/Porto Alegre e a UNISC, Santa Cruz do Sul, 2004;

universidades do país<sup>65</sup>. Nas aulas e reuniões do grupo de pesquisa na UFSC, debatíamos o potencial heurístico da noção de rede e reconhecíamos o quanto ele vinha sendo explorado em diferentes campos disciplinares. Por iniciativa de Rogério Lima da Silveira - professor na UNISC que desenvolvia sob minha orientação tese sobre o uso do território pelo complexo agroindustrial do fumo - aceitei seu convite e lancei-me na organização do livro *Redes, Sociedades e Territórios*. Convidamos colegas de campos disciplinares diversos que compartilhavam a procura de caminhos que integrassem a rede nas análises sociais e territoriais<sup>66</sup>. Para esse livro, escrevi o artigo *Os sentidos da rede: notas para discussão*, hoje meu segundo trabalho mais citado, segundo a já nominada fonte *Google Scholar Citations*. O artigo está igualmente citado na introdução do volume *Regiões de Influência das Cidades 2007*<sup>67</sup>.

### 3.2.3.2. Das redes bancárias às redes financeiras

Em 2004 retornei ao sistema do CNPq como pesquisadora 2, e desde então tive pedidos aprovados em editais de bolsas de produtividade em pesquisa<sup>68</sup>, de apoio técnico, de iniciação científica, de ciências humanas e sociais e de auxílio à promoção de eventos científicos, conforme atesta a declaração fornecida por aquele órgão, que se encontra no documento anexo a este memorial. Algumas publicações desse período representam esforços de síntese teórica e empírica do material que trabalhei na pesquisa com auxílio de bolsistas e de mestrandos; ao

---

palestra no I Seminário Temático de Geografia do Norte do Paraná- *Os usos do território e as novas tecnologias* -, promovido pela AGB e pela Universidade Estadual de Londrina, 2005.

<sup>65</sup> Fui professora colaboradora no PPGG da UFPR, responsável pela disciplina GB731 Desenvolvimento Tecnológico e Urbanização: o papel das redes de informação, carga horária de 60 horas (04 créditos), ofertada nos anos de 2001 e 2004; proferi a conferência *Redes e territórios* no Seminário de Doutorado, UNESP (Presidente Prudente) em 2002 e na UFPA em 2006.

<sup>66</sup> Este livro reuniu nomes reconhecidos em seus campos de atuação, e mestres e doutorandos que, com talento, desenvolviam suas pesquisas. DIAS, L.C.; SILVEIRA, R.L.L. da. (Orgs.). **Redes, Sociedades e Territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. 260 p. O livro está na 1a. reimpressão da 2a. edição (2013).

<sup>67</sup> IBGE. **Regiões de Influência das Cidades 2007**. Rio de Janeiro: IBGE, 2008. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/regic.shtm?c=7>. Acesso em 11/10/2017.

<sup>68</sup> Em 01/03/2006 passei à categoria 1D após processo de reclassificação dos bolsistas PQ levado a cabo por todos os comitês do CNPq. Em 01/03/2016 passei à categoria 1C.

mesmo, surgem novas interações articulando pesquisa e docência, tornando mais complexas as redes de associações nas quais me inscrevo.

No primeiro semestre de 2003 ministrei a disciplina Seminário de Pesquisa para os doutorandos recém-ingressos no PPGG da UFSC. Professor na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Edu Silvestre de Albuquerque foi um aluno sempre disposto a debater os temas que discutíamos no campo da História das Ciências. Um ano depois fui convidada a participar da coletânea de ensaios que ele organizava a pedido da editora Globo sobre *temas socioespaciais relevantes para a realidade brasileira*. A concepção do livro me pareceu original: cada artigo deveria responder a uma pergunta diretamente ligada ao presente e ao futuro de nossa realidade geográfica, econômica, social e política. Por que há tantas desigualdades sociais no Brasil? Por que não perderemos a soberania sobre a Amazônia? As florestas vão desaparecer? foram, por exemplo, as questões direcionadas às geógrafas Maria Laura Silveira, Bertha Becker e Dirce Suertegaray. A mim, Edu Albuquerque indagou: Por que os bancos são o melhor negócio do país? No início, sugeri que ele formulasse a pergunta a um economista, porém ele contra-argumentou, insistindo na importância de uma visão geográfica do problema. Acabamos chegando a um consenso: àquela pergunta, acrescentamos o subtítulo *Hegemonia financeira e geografia das redes bancárias*. Para construir esse artigo me apoiei, em parte, na bibliografia que levantara poucos anos antes, no pós-doutorado. Analisei o modo como o sistema financeiro se integra à escala mundial, enquanto seus subsistemas geográficos e econômicos se reorganizam, e discuti como essas mudanças estão no centro de debates pluridisciplinares e políticos que giram em torno da formação (ou não) de um mercado de capital global, do papel do Estado Nação, da complexidade das interações entre o sistema mundial e os espaços nacionais. Se teses universitárias, livros, revistas e jornais chamam nossa atenção cotidianamente sobre a altíssima rentabilidade do sistema bancário no Brasil, como compreender os mecanismos que engendram esse processo? O conceito de *hegemonia financeira* iluminou a maneira como bancos e outras instituições financeiras controlam a direção do fluxo de capitais e exercem forte poder sobre a economia do país. Sugeri que a afirmação da hegemonia financeira contém sempre uma *dimensão territorial*, vista sob o ângulo da construção das escalas

geográficas. O argumento, inspirado em Smith (1993), é que a escala geográfica é histórica e hierarquicamente construída como parte dos cenários social, econômico e político do capitalismo contemporâneo<sup>69</sup>. Em outras palavras, a organização das redes financeiras constitui fonte de poder e de controle para instituições bancárias porque representa o domínio do espaço através da articulação entre as escalas geográficas<sup>70</sup>.

Outra publicação na qual desenvolvi um esforço de reflexão mais abrangente resultou de uma rede de associações iniciada em Salvador quando integrei a banca de doutorado de Mario Rubem Costa Santana no PPGG em Arquitetura e Urbanismo na UFBA, no final de 2006. É comum os programas associarem participação em banca a outras atividades, como conferências ou minicursos. Contudo, foi relativamente original naquela oportunidade me solicitarem um pequeno texto sobre minha pesquisa em curso, e convidarem uma colega para debatê-lo numa sessão com professores e estudantes. Assim conheci Elsa Kraychete, economista baiana estudiosa da problemática das desigualdades em seus reatamentos territoriais e sociais<sup>71</sup>. Nos meses seguintes, trocamos alguns trabalhos, incluindo seus artigos críticos sobre as políticas de desenvolvimento das microfinanças em países periféricos e semiperiféricos, tema que começava a despertar meu interesse. No início de 2007 submeti ao XII Encontro Nacional da ANPUR e tive aprovada a proposta de uma sessão sobre *Finanças, política e território: a emergência de novas escalas geográficas*. Reuni um grupo de pesquisadores de horizontes disciplinares diversos que buscavam caminhos para compreender o processo de financeirização em curso, abordando: a) a relação entre sistema financeiro internacional e soberania nacional (Lia Machado), b) a interferência das finanças no circuito inferior da economia urbana, numa busca de atualização da Teoria dos dois circuitos da economia urbana, formulada por Milton Santos (Maria Laura Silveira);

---

<sup>69</sup> SMITH, N. *Homeless/global: scaling places*. In: BIRD, J. et al. (Orgs.). *Mapping the futures local cultures, global changes*. Londres: Routledge, 1993. p. 87-119.

<sup>70</sup> DIAS, L. C. Por que os bancos são o melhor negócio no país? Hegemonia financeira e geografia das redes bancárias. In: ALBUQUERQUE, E. S. (ORG.). *Que país é esse?* Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2005. p. 27-62.

<sup>71</sup> Professora do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, da Universidade Federal da Bahia e integrante do grupo de pesquisa Laboratório de Análise Política Mundial UFBA.

c) as mudanças no mapa das finanças regionais, através do estudo da relação entre crédito e depósito (Elsa Kraychete); d) as novas conexões entre mercado imobiliário e capital financeiro na produção do espaço urbano (Mariana Fix); e) a reorganização das redes financeiras e bancárias, em suas dimensões normativas, políticas, econômicas e espaciais (Leila Dias). Pouco tempo depois era convidada pelas editoras dos Cadernos do CRH<sup>72</sup> a preparar o dossiê *Finanças, Política e Território* para o qual convidei o sociólogo Ary Minella e o geógrafo Fabio Contel, além dos colegas que já haviam estado ao meu lado na sessão da ANPUR<sup>73</sup>. Convidei igualmente Maria Helena Lenzi para uma coautoria. Em 2005 e 2006, ela e Simone Moretti (bolsistas de IC e de apoio técnico) haviam cartografado as maiores redes bancárias privadas que operavam no país em diversos momentos do tempo. Parte desse material foi analisado em seu TCC, mas ainda havia o que explorar e interpretar com base naquele conjunto de mapas. Partimos para a análise da reorganização espacial de três redes bancárias privadas, de origem e desenvolvimento inicial semelhantes. Bradesco, Bamerindus e Unibanco surgem na primeira metade do século XX em pontos dos estados de São Paulo, Paraná e Minas Gerais, evoluem para redes regionais nos anos sessenta e se configuram como redes nacionais nos anos setenta. Desde então, duas perguntas passaram a inquietar-nos: como evoluíram essas redes bancárias? e Como interagiram com outros processos que moldam sua extensão territorial e social? Através de uma periodização, procuramos compreender mudanças na localização das agências bancárias, identificando os nexos que transformam a geografia das redes bancárias a cada período. Apresentamos o conjunto de mapas de localização das redes de agências desses três bancos em três momentos do tempo: 1986, 1996 e 2005, e as mudanças locais ocorridas entre 1986 e 1996, e entre 1996 e 2005, identificando distintas estratégias locais. Avalio que o maior avanço que tivemos nessa empreitada foi chamar a atenção para o papel do espaço geográfico nesse processo. Ou seja, mostrar que a reorganização das redes dos grandes bancos privados presentes no país resultou da combinação de processos adaptativos (inclusive espaciais) e inovadores: a partir da segunda metade dos anos 1980,

---

<sup>72</sup> Anete Leal Brito Ivo e Elsa Kraychete eram as editoras científicas dos Cadernos.

<sup>73</sup> Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-49792009000100001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792009000100001). Acesso em 14/10/2017.

condicionantes externos e internos mudaram a trajetória do sistema bancário, o que demandou nova geografia, caracterizada pela retração de agências bancárias no interior de todas as macrorregiões e, simultaneamente, expansão nas maiores regiões metropolitanas do país. Era o setor buscando adaptar-se espacialmente às novas condições macro e microeconômicas<sup>74</sup>.

Ao mesmo tempo em que estudava a reorganização espacial das maiores redes bancárias, participava de um projeto coordenado por Ralfo Matos<sup>75</sup> sobre as desigualdades socioespaciais no Brasil, integrando a equipe formada por colegas de Minas Gerais, do Paraná, do Rio de Janeiro e de Santa Catarina<sup>76</sup>. Analisei o processo de capilarização das finanças pelo território brasileiro que, fato novo, se inscrevia num ideário de microfinança como política de combate à pobreza e resultava de formas particulares de interação entre atores situados em diferentes lugares. Nesse trabalho, ao estudar a rede construída pelo Banco da Família, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público localizada na cidade de Lages (SC), analisei como se formam redes microfinanceiras que articulam as finanças globais e os territórios regional e local. Pesquisa de campo e relatórios internacionais disponíveis na web permitiram identificar os fluxos financeiros que articulavam o Banco da Família ao quinto maior grupo financeiro holandês, e assim melhor entender como essa forma particular de organização da atividade financeira em rede permitia aos atores deslocar-se entre diferentes espaços, nos quais e através do quais eles constroem associações com outros atores localizados em outros lugares, quando, por exemplo, experiências mexicanas ou colombianas são transplantadas para Lages, ou quando capitais financeiros globais – globais porque articulam redes mais longas e conectadas – precisam ser localizados. Ao mesmo tempo, o Banco da Família se localizava através de agentes de crédito e começava a construir sua escala regional de ação, desenvolvendo redes de associações e interações. Havia evidente complexificação da rede ao longo do

---

<sup>74</sup> DIAS, L.C.; LENZI, M.H. Reorganização espacial de redes bancárias no Brasil: processos adaptativos e inovadores. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792009000100006>. Acesso em 14/10/2017.

<sup>75</sup> Doutor em Demografia e professor no Departamento de Geografia da UFMG.

<sup>76</sup> Integrei à equipe de Santa Catarina o bolsista de IC Pedro Pantel; à de apoio técnico Simone Moretti; Maria Teresinha Marcon, doutoranda que trabalhou as redes políticas territorializadas na serra catarinense; e Gislene Santos, que analisou as dinâmicas populacionais em Santa Catarina.

tempo: novos fluxos financeiros e informacionais articulavam pontos - próximos e distantes - e configuravam novas escalas espaciais<sup>77</sup>.

Outros trabalhos sintetizam os resultados da pesquisa sobre o processo de reorganização dos sistemas bancário e financeiro no Brasil em suas dimensões tecnológica, normativa, econômica e política, e mostram que permanece atenta às possibilidades de diálogo entre horizontes disciplinares diversos que têm explorado o potencial heurístico da noção de rede<sup>78</sup>.

No projeto em curso investigo a espacialidade das finanças identificando e analisando as múltiplas redes organizadas pelos bancos e maiores grupos econômicos e financeiros que operam no Brasil, e aquelas que emergem na escala dos lugares, à luz da inserção do país no processo mais amplo de mudança do sistema financeiro internacional<sup>79</sup>. Mais uma vez, mergulhei numa revisão bibliográfica que me auxilia a compreender como as instituições financeiras e os mercados financeiros são atores cada vez mais importantes, moldando a vida econômica, social e cultural contemporânea, e como a mundialização financeira não tornou a geografia imaterial: pelo contrário, influenciada por contextos históricos e institucionais, a localização geográfica continua a demarcar quem tem acesso a quais serviços financeiros e a que preço. Em trabalho no periódico *Geosp* (no prelo) discuto a crescente complexidade das instituições financeiras, especialmente pela construção de redes mais longas e conectadas, integrando uma miríade de agentes bancários e não-bancários. Adquirindo outros bancos e sociedades de crédito para cumprir seus objetivos, os grupos financeiros vêm garantindo sua presença no território por agentes comerciais e por milhares de

---

<sup>77</sup> Nesse trabalho, um dos nossos maiores desafios foi criar uma tipologia de fluxos e representá-los cartograficamente, mostrando como o Banco da Família se articulava a instituições localizadas em diferentes países. DIAS, L.C. Escalas espaciais e construção de redes microfinanceiras no Brasil. In: MATOS, R.; SOARES, W. (Orgs.) **Desigualdades, redes e especialidades emergentes no Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 163-184.

<sup>78</sup> DIAS, L.C. Mutations dans la Géographie des réseaux bancaires au Brésil: les nouvelles échelles spatiales. In: CARY, P.; JOYAL, A. (Orgs.) **Penser les territoires**, Québec: Presses de l'Université du Québec, 2010. p. 81-95. DIAS, L. C.; FERRARI, M. (Orgs.). **Territorialidades humanas e redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2011. 262 p. DIAS, L. C. Redes, territórios e o problema da escala. RIBEIRO, A.C. et al. (Orgs.) **Política governamental e ação social no espaço**. Letra Capital: ANPUR, 2012. p. 79-94. DIAS, L. C.; CORIGLIANO, L. CDROM Cartografia das redes financeiras e microfinanceiras. 2013. DIAS, L.C. Redes financeiras e mudanças espaciais na cidade. In: FERREIRA, A. et al. (Orgs.). **Desafios da metropolização do espaço**, Rio de Janeiro: Consequência, 2015. p.85-98.

<sup>79</sup> Processo 303527/2015-3. Finanças, política e território: escalas espaciais e emergência de novas redes. *Produtividade em Pesquisa* 1C.



pequenos escritórios de contabilidade conectados às sedes dos bancos por plataformas tecnológicas que possibilitam prover os serviços. Um olhar para o organograma das maiores instituições financeiras que operam com correspondentes bancários detecta um labirinto de redes de associações entre bancos e sociedades de crédito, financiamento e investimento; o banco, enquanto unidade empresarial, não constitui o principal agente desse processo. É o grupo econômico financeiro que coordena as atividades de diferentes pessoas jurídicas na busca de ganhos de escala e de escopo, minimizando custos e riscos e se beneficiando também do conhecimento de bancos pequenos e médios que desde o início dos anos 2000 se especializaram na concessão da modalidade de "crédito consignado em folha de pagamento", que permite o desconto de parcelas de empréstimos e financiamentos diretamente nas folhas de pagamento de trabalhadores formais e aposentados e pensionistas do Instituto Nacional de Seguro Social (INSS). A pesquisa mostrou que as operações de crédito e de arrendamento mercantil constituíram o serviço mais utilizado nos correspondentes bancários em 2016 e chama a atenção para o processo de endividamento crescente dos mais pobres e idosos, culminando na impossibilidade de quitar as dívidas e na conseqüente aquisição de novos empréstimos para quitar dívidas acumuladas.

Movo-me simultaneamente em direção ao grupo econômico e à escala dos lugares, inspirada pelas ideias do sociólogo e filósofo italiano Maurizio Lazzarato. Na obra *The making of the indebted man*<sup>80</sup>, Lazzarato mostra que a dívida é, acima de tudo, uma construção política, e que a relação credor-devedor é a relação social fundamental das sociedades ocidentais. Firms (incluindo os bancos), estados nacionais, famílias e indivíduos podem ser vistos, segundo esse autor, como *homo debitor*: de uma forma ou de outra estão sujeitos às relações credor-devedor e à disciplina dos mercados financeiros, como nos exemplos da crise das hipotecas podres nos EUA (*subprime*) e do crédito consignado no Brasil.

Um dos significados originais da palavra finança está diretamente ligado a dívida: do francês da Idade Média (1400), finança era entendida como

---

<sup>80</sup> LAZZARATO, M. *The making of the indebted man*. An essay on the neoliberal condition. Cambridge: MIT Press, 2012.

encerramento, liquidação de uma dívida (*Online etymology dictionary*). Para Lazzarato, “economia da dívida” seria um termo mais apropriado do que economia das finanças”, apesar de todos os desafios que a ausência de instrumentos teóricos para analisar essa “economia da dívida” e suas implicações possam significar. Seguindo as pistas de pesquisa abertas pelo trabalho de Lazzarato, mais do que a lógica das finanças, parece ser a lógica do endividamento generalizado que tem marcado todos os campos da vida social, em múltiplas escalas espaciais, renovando as questões de pesquisa em meu campo do conhecimento

### 3.3. LUGARES DA EXTENSÃO E DA ADMINISTRAÇÃO

Pouco mais de um ano após minha chegada à UFSC fui convidada por Gerusa Maria Duarte, que coordenava o PPGG, para conceber um evento que criasse uma oportunidade para discutir perspectivas da ciência geográfica em suas dimensões epistemológica e metodológica. Era um projeto ambicioso que foi sendo gestado, passo a passo, com a colaboração de Paulo César da Costa Gomes, professor com quem dividia a disciplina de Epistemologia. O projeto foi tomando forma e resultou no Colóquio *O discurso geográfico na aurora do século XXI*, com quatro mesas dedicadas às problemáticas da disciplina e da interdisciplinaridade, da categoria tempo, das pesquisas de campo e do problema da escala, reunindo geógrafos - tanto da área humana quanto da física - filósofos e sociólogos. Paulo Cesar Gomes proferiu a conferência de encerramento, trazendo sua experiência recente no debate canadense sobre Território e Cidadania. Foi também a ocasião perfeita para homenagear Milton Santos. Sua conferência integrou a sessão solene do Conselho Universitário que lhe outorgou o título de Doutor *Honoris Causa*<sup>81</sup>. Solenemente acontecia também a instalação do projeto Espaço-biobibliográfico Milton Santos - obras e ideias, iniciativa do colega Ewerton Machado.

Ao mesmo tempo que esse evento foi o primeiro dos muitos que organizaria nos anos seguintes, comprometeu-me a assumir maior protagonismo no Programa de Pós-Graduação em Geografia. Em dezembro de 1996 - um mês apenas após o

---

<sup>81</sup> Coube ao professor Luiz Fernando Sheibe o discurso de saudação.

Colóquio - fui eleita coordenadora do Programa, com Sandra Furtado como vice-coordenadora<sup>82</sup>.

### 3.3.1. GESTÃO E CRIAÇÃO DO DOUTORADO NA GEOGRAFIA

Quando vim para a UFSC não tinha em mente assumir nenhum cargo administrativo. Em 1995 e 1996 estava completamente envolvida com disciplinas na Geografia e no doutorado interdisciplinar. Contudo, com o convite para assumir a coordenação, mais uma decisão precisava ser tomada: em qual experiência lançar-me nos próximos anos? O que deixar de lado pela impossibilidade de tudo fazer? Afastei-me da prática interdisciplinar<sup>83</sup>, mas apenas temporariamente; um novo lugar de conexões chamava minha atenção e despertava meu interesse.

Iniciei a gestão cautelosamente, porque minhas experiências na administração universitária se restringiam a poucas semanas, quando substituí a chefe do Departamento de Geografia da UFRJ, em 1984. Mas logo fui me ambientando e compreendendo como funcionavam as rotinas internas e externas ao Programa<sup>84</sup>. Na medida dos recursos disponíveis, nesse período busquei apoiar professores e estudantes em suas atividades de pesquisa de campo, equipar laboratórios, mas principalmente comprar livros e assinar periódicos, influenciada pela experiência de Maurício de Almeida Abreu no início dos anos 1990, que transformou a biblioteca do PPGG da UFRJ em referência nacional. Novo formato de atividade foi inaugurado e nomeado de *Encontro de Pesquisa*, no qual professores convidados para bancas se reuniam com estudantes e professores para cada um expor seu *modus operandi* na pesquisa. Professores nacionais e estrangeiros continuaram a frequentar o Programa, e com frequência aproveitávamos sua passagem pela USP e pela UFRJ para esticá-las até Florianópolis. Nossa gestão trabalhou em estreita colaboração com a comissão organizadora<sup>85</sup> do II Simpósio Nacional de

---

<sup>82</sup> Em razão da aposentadoria da professora Sandra Furtado, Joel Pellerin assumiu a vice-coordenação em meados de 1998.

<sup>83</sup> Afastei-me do Programa, mas não dos colegas que nele conheci. Com Selvino Assmann, Ilse Scherer-Warren e Maria Ignez Paulilo desenvolvi laços de cooperação acadêmica que permanecem até o presente.

<sup>84</sup> Em abril de 1998 fui indicada representante do Centro de Filosofia e Ciências Humanas na Câmara de Pós-Graduação da UFSC.

<sup>85</sup> Presidida pelo professor Marcelo Accioly Teixeira de Oliveira.

Geomorfologia, realizado em novembro de 1998 e promovido pela jovem União da Geomorfologia Brasileira, fundada em 1996.

Nesses dois anos de gestão, construímos coletivamente um projeto de doutorado para o Programa, encaminhado à Capes em agosto de 1998. A notícia de sua aprovação final chegou no penúltimo dia de meu mandato, no mês de dezembro<sup>86</sup>. Em março de 1999 iniciaria a primeira turma de doutorado.

### 3.3.2. PRÁTICAS ANPURIANAS DO TRABALHO COLETIVO E MULTIDISCIPLINAR

Brasília, 1995, foi quando participei pela primeira vez de um Encontro Nacional da Anpur (Enanpur). Após os anos no exterior seguidos do deslocamento familiar para Florianópolis, reunia, enfim, as condições pessoais e profissionais para submeter um trabalho ao VI Encontro Nacional -*Modernidade, Exclusão e a Espacialidade do Futuro*<sup>87</sup>. Desde então, estive presente em quase todos os seus encontros: em Recife integrei mesa redonda organizada por Milton Santos sobre *O centro nacional e o meio técnico-científico-informacional* (1997); no Rio de Janeiro participei de comissão científica selecionando os trabalhos para o subtema *Escalas de poder e novas formas de gestão urbana e regional*, com Ana Clara Torres Ribeiro (2001); em Belo Horizonte integrei a mesa redonda *Encruzilhadas do Planejamento* (2003). Esta última experiência foi particularmente trabalhosa: meses antes do Enanpur fui contactada pela comissão organizadora que solicitava um balanço teórico da produção científica da ANPUR sobre a temática das escalas espaciais, a fim de identificar novas direções nas pesquisas urbanas e regionais no país. Logo me dei conta do desafio que enfrentaria, pelas seguintes razões: o elevado número de trabalhos publicados nos Anais da ANPUR desde 1986; a associação representa um espaço pluridisciplinar por excelência com cada área partindo de seu próprio campo de reflexão; as dificuldades de ordem metodológica e

---

<sup>86</sup> Além da coordenadora e da vice-coordenadora, integravam a equipe que preparou o projeto de doutorado os professores: Gerusa Maria Duarte, Joel Pellerin, Luiz Fernando Scheibe, Marcelo Accioly Teixeira de Oliveira, Margareth Pimenta e Sandra Furtado.

<sup>87</sup> DIAS, L. C. Redes de telecomunicações e metrópole: ordem e desordem no papel hegemônico de São Paulo. In: FARRET, R. (Org.). *Modernidade, exclusão e especialidade do futuro*. Anais, 1995. p. 1137-1143.

conceitual para encontrar um caminho que permitisse pensar a trajetória das escalas espaciais - região, território e ambiente - no âmbito das pesquisas em planejamento urbano e regional publicadas nos Anais. Para essa empreitada convidei a doutoranda Gislene Aparecida dos Santos, e semana após semana nos reunimos para atender ao convite<sup>88</sup>. Desde o Enanpur de 2005 organizo sessões livres sobre problemáticas que articulam o campo urbano e regional com meus interesses de pesquisa<sup>89</sup>.

Rico foi o aprendizado oriundo das experiências compartilhadas nas diretorias que integrei sob a presidência de Maria Cristina Leme (2001-2003) e de Edna Castro (2007-2009), nos júris de premiação, em mesas e sessões livres nas quais participei. Foram as práticas anpurianas do trabalho coletivo e multidisciplinar, do debate acadêmico na construção de agendas de pesquisa e de políticas urbanas que me levaram a aceitar o duplo desafio de integrar a comissão organizadora do XIII Enanpur, na Universidade Federal de Santa Catarina, e, em seguida, a diretoria que se instalou em maio de 2009. O sentido primeiro do termo “solidário” - em que há responsabilidade recíproca - se materializava à perfeição nos trabalhos da comissão formada pelos professores Elson Manoel Pereira, meu colega no Programa de Pós-Graduação em Geografia, Maria Inês Sugai, do Programa de Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade, Ilse Scherrer-Warren e Tamara Benakouche, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política.

O tema central do XIII Encontro: *Planejamento e Gestão do Território - escalas, conflitos e incertezas* enunciava um conjunto de desafios analíticos sobre as diferentes formas de construir teórica e empiricamente os objetos de pesquisa em nosso campo de conhecimento. A questão da escala - central para o discurso político leigo e acadêmico - fora definitivamente incorporada à agenda do debate urbano e regional, e as mesas redondas em Florianópolis naquele encontro de 2009 buscaram problematizar os atores multiescalares, os conflitos entre as escalas

---

<sup>88</sup> DIAS, L. C.; SANTOS, G. A. dos. Região, território e meio ambiente - uma história de definições e redefinições de escalas espaciais (1987-2001). ANPUR. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, vol. 5, n. 2, 2003. p. 45-56.

<sup>89</sup> *Redes, sociedades e territórios no debate contemporâneo* no Enanpur de 2005; *Finanças, política e território* no de 2007; e *Metropolização do espaço: redes, antecipação de regiões metropolitanas e possibilidades da ação pela insurreição do cotidiano*, no de 2015.

locais, regionais e transnacionais, que exigiam um olhar que contemplasse as questões multi ou interculturais<sup>90</sup>. Diversas abordagens, ora mais disciplinares, ora inter ou transdisciplinares, buscaram compreender os territórios com base nas relações de poder e dos respectivos conflitos sociais entre formas de apropriação e dominação tradicional ou histórica do espaço e formas contra-hegemônicas para alterar o *status quo*. Nessa direção também se incluíram as reflexões sobre novos protagonistas na gestão dos territórios, em relação a: riscos ambientais, mudanças climáticas, reconhecimento e demarcação de territórios tradicionais, além de tantos outros. Por último, mas não menos importantes, foram discutidos os processos e efeitos da violência urbana e rural, as antinomias entre a busca continuada pela paz e as tentativas de controle através da violência “legítima” do Estado, às vezes geradoras de novas violências no cotidiano dos cidadãos.

Ao iniciarmos a gestão 2009-2011, nossos planos e projetos ancoraram numa cultura institucional consolidada e geneticamente comprometida com o campo dos estudos urbanos e regionais. Elson Manoel Pereira (UFSC) como Secretário Executivo e Maria Inês Sugai (UFSC) como Secretária Adjunta, Ana Clara Torres Ribeiro (UFRJ), Lucia Cony Faria Cidade (UnB), Maria Lucia Refinetti Rodrigues Martins (USP), e Silvio José de Lima Figueiredo (UFPA) integraram a diretoria por mim presidida, eleita durante a Assembleia Geral realizada em maio de 2009, durante o XIII ENANPUR no Campus da UFSC em Florianópolis. Além de apoio administrativo, o envolvimento incondicional de Tiago Cargnin Gonçalves, à época estudante de graduação do curso de Geografia e bolsista de Iniciação Científica do CNPq, assegurou um conjunto de ações comunicativas que viabilizaram maior fluidez na circulação de informações diversas<sup>91</sup>.

Com o distanciamento de alguns anos, a consulta às atas, aos informativos, aos documentos e a grande parte da volumosa correspondência que circulou em nossas caixas de mensagens mostrou a potencialidade do papel de articulação

---

<sup>90</sup> Bertha Becker proferiu a conferência de abertura *O governo do território no novo milênio: trajetórias amazônicas*.

<sup>91</sup> A aproximação com o universo dos Programas filiados à Anpur motivou Tiago a partir, em 2012, para o mestrado no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ, sob orientação de Fania Fridman.

acadêmica da Anpur na construção e na difusão de agendas de pesquisa, de ensino e de política<sup>92</sup>. Em algumas ocasiões a Anpur foi chamada a se posicionar e atuar coletivamente na esfera da articulação política da SBPC e suas associadas, como no documento *Agenda de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Brasil*, enviado pela SBPC aos candidatos Dilma Rousseff, José Serra e Marina Silva em setembro de 2010. Em maio do ano seguinte, em conjunto com as demais associações científicas, encaminhou à Presidência da República documento manifestando preocupação com o adequado cumprimento dos dispositivos legais relativos aos direitos humanos e ambientais, especialmente dos Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais a serem afetados pelo projeto de construção da UHE Belo Monte<sup>93</sup>.

*Quem somos?* é questão recorrente nos Seminários Nacionais de Avaliação do Ensino e da Pesquisa em Estudos Urbanos e Regionais promovidos pela Anpur desde 2002. A quinta edição do Seminário de Avaliação do Ensino e da Pesquisa, realizado em Florianópolis em 2010, foi fruto de um projeto coletivo que envolveu membros da diretoria, profissionais da área do planejamento, professores e estudantes dos Programas de pós-graduação filiados e associados à Associação. A conferência de abertura proferida por Wrana Panizzi - *Desafios da política de pesquisa no Brasil: o campo dos estudos urbanos e regionais* - já anunciava em seu título que estávamos diante de grandes problemas a serem resolvidos. As transformações operadas na vida universitária nos anos recentes, caracterizadas pela crescente dinâmica das redes de pesquisa, pela elaboração quase contínua de projetos e relatórios, pelo processo de autorregulação dos professores em termos de produtividade e eficiência, pela produção científica submetida a novas metodologias para a mensuração do desempenho e pelo aumento significativo do

---

<sup>92</sup> Logo que assumimos a direção, a Anpur foi convidada a participar da organização de atividades acadêmicas previstas para o 5º Fórum Urbano Mundial (FUM) *O Direito à cidade: unindo o espaço dividido*, que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, em março de 2010, onde promovemos o *networkingevent* *Balanço crítico das influências internacionais sobre as políticas urbanas* e participamos da mesa redonda *Universidades: fechando a lacuna entre a pesquisa e a ação no nível da cidade - o papel das Universidades*, ocasião em que expressei a preocupação com o transplante automático de experiências e práticas desenvolvidas nas diferentes regiões e países. Inscritas em contextos geográficos particulares, essas práticas deveriam ser compreendidas na sua complexidade e orientação cultural.

<sup>93</sup> O documento solicitava a suspensão do processo de licenciamento da UHE Belo Monte, até que fossem cumpridas as condicionantes recomendadas pelo órgão regulador, julgado o mérito das ações civis públicas ajuizadas, e regulamentados os procedimentos de consulta aos povos indígenas e demais populações afetadas.

trabalho burocrático, submetem professores a grandes dilemas quando essas exigências entram em contradição com os esforços voltados à atualização das bagagens acadêmicas, ao preparo de aulas, às orientações e ao ato de pesquisar. Acresce uma particularidade em nosso campo: a natureza política do planejamento, que atualiza as intervenções do Estado, as formas de organização social e as reivindicações coletivas.

A difusão do conhecimento sempre esteve presente na agenda da Anpur. Durante a gestão 2009-2011, cinco números da Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais foram publicados, e em coedição com a EDUFBA, foram publicados dois livros - *Quando o cinema vira urbanismo: o documentário como ferramenta de abordagem da cidade*, da autoria de Silvana Lamenha Lins Olivieri, ganhador do VI Prêmio Brasileiro “Política e Planejamento Urbano e Regional” na categoria Dissertação de Mestrado; e *(Re)descobriram o Ceará? Representações dos sítios históricos de Icó e Sobral: entre Areal e Patrimônio Nacional*, da autoria de José Clewton do Nascimento, ganhador do VI Prêmio Brasileiro “Política e Planejamento Urbano e Regional” na categoria Tese de Doutorado.

No plano internacional, a Anpur continuou a desenvolver uma salutar cooperação acadêmica no interior da rede *Global Planning Education Association Network (GPEAN)*, formada por nove associações científicas, e permaneceu ativa no Conselho Editorial Internacional da série *Dialogues in Urban and Regional Planning* financiada pelo GPEAN<sup>94</sup>.

Nossa gestão se encerrou no XIV Encontro Nacional da Anpur, organizado no Rio de Janeiro por cinco programas de pós-graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense em maio de 2011. Sob o comando de Ana Clara Torres Ribeiro, que assumiu a presidência da Associação, novo projeto coletivo se instalava, renovando as práticas anpurianas do trabalho coletivo e multidisciplinar comprometido com o futuro de nossas cidades e

---

<sup>94</sup> Ao lado de Thomas L. Harper (Canadá), Michael Hibbard (USA), Anthony Gar-OnYeh (Hong Kong), Heloisa Soares de Moura Costa (UFMG) integrou o conselho na publicação do volume 4. Seguindo as práticas editoriais da série, o volume publicou artigos indicados pelas diferentes associações de escolas de planejamento nacionais e continentais. *Safe urban spaces: security issues for city design*, da autoria de Julieta Nunes de Souza, e Rose Compans integrou o livro avalizado pela indicação como um dos melhores trabalhos apresentados no XII Enanpur, em Florianópolis.



territórios. Encerrávamos um ciclo de dois anos de trabalho intenso em conjunto com uma miríade de pessoas e de instituições.

### 3.3.3. PASSAGEM PELO CNPq

Apenas dois meses após o encerramento da gestão da Anpur, fui informada de que o Conselho Deliberativo do CNPq escolhera meu nome para compor, como membro titular e representante da área de Geografia Humana, o Comitê de Assessoramento de Arquitetura, Demografia, Geografia, Turismo e Planejamento Urbano e Regional (CA-SA), com mandato de três anos, de 1º de novembro de 2011 a 31 de outubro de 2014.

Particpei em novembro de 2011 de minha primeira reunião do comitê, em Brasília, quando foram avaliadas as propostas encaminhadas ao Edital 07/2011 - Ciências Humanas. Deparei-me com 51 projetos para serem avaliados em uma semana. Mesmo auxiliada pela colega Iná Elias de Castro (representante da área de Turismo) não consegui finalizar a avaliação, que me demandou mais 8 dias de trabalho, então já em Florianópolis<sup>95</sup>. Após essa primeira experiência dolorosa, escrevi a Maria Ângela Cunico<sup>96</sup>, expondo a total impossibilidade de participar sozinha dos próximos julgamentos da Geografia Humana, solicitando que minha suplente, Sandra Lencioni, da USP, passasse a ser convocada para as reuniões. Meu pleito foi atendido, e mais do que dividir o trabalho, a presença de Sandra criou um espaço de diálogo imprescindível às tomadas de decisão sobre as propostas submetidas em todos os tipos de editais: produtividade em pesquisa, universal, ciências humanas e sociais, bolsas no exterior e no país e auxílio a eventos.

Essa experiência no CNPq me deu uma visão mais clara do campo institucional e de pesquisa da Geografia Humana do que o conhecimento que acumulara a respeito até então. Havia um crescente número de jovens pesquisadores pleiteando auxílio, espalhados de norte a sul do país, trabalhando em centros universitários consolidados, mas também nos que emergiam como resultado da política

---

<sup>95</sup> Em razão da limitação orçamentária colocada pelo CNPq e pela Capes, somente 19 das 51 propostas submetidas foram contempladas com recursos no total de 245.000,00 reais.

<sup>96</sup> Então coordenadora da grande área de Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas no CNPq.

de expansão do ensino superior público nos anos 2000, pesquisando temas muitas vezes articulados à realidade regional de cada um.

Em conjunto com os colegas de comitê<sup>97</sup>, buscávamos pleitear mais recursos para a área, mas reconhecíamos sua tímida participação no total de recursos destinados pelo CNPq ao fomento e à pesquisa. Entre 1998 e 2011 a participação de nosso comitê no total de investimentos realizados em bolsas e no fomento à pesquisa pelo CNPq havia decrescido de 0,7 para 0,5%, segundo estatística que expus no *II Encontro de Pesquisa e Pós-Graduação do Sul do Brasil: ANPEGE - Região Sul*<sup>98</sup>. Era urgente buscar novas formas de financiamento, como a concepção de um Programa de Ciência e Tecnologia para as Cidades - o CT-Cidades. Para tanto, era importante construir uma agenda de pesquisa, compreender o conjunto de impostos a partir do qual pode ser obtida essa nova fonte de financiamento e desenvolver uma articulação com os ministérios ligados à problemática territorial, como o Ministério das Cidades, da Integração Nacional, do Desenvolvimento Agrário e do Meio Ambiente.

### 3.3.4. CIRCULANDO POR OUTROS LUGARES

Com o crescimento exponencial dos Programas de Pós-Graduação em Geografia<sup>99</sup> e o conseqüente aumento da produção científica, cresceu o número de periódicos geográficos editados no país. Desde 1998, participo de conselhos editoriais e consultivos, além de emitir pareceres para outras revistas geográficas e de áreas afins.

Nos últimos dez anos, com meus colegas da UFSC organizei dois grandes eventos nacionais. Além do Enanpur, sediamos o X Simpósio Nacional de Geografia

---

<sup>97</sup> Penso particularmente em Ana Fernandes, Archimedes Perez Filho, Iná Elias de Castro, Maria Cristina Leme, Norma Lacerda Gonçalves e Heloisa Soares de Moura Costa.

<sup>98</sup> Na mesa redonda *Política para a Pesquisa e Pós-Graduação no Brasil: uma avaliação a partir das Agências de Fomento/CNPq*, promovida pelo PPGG da Universidade Federal de Santa Maria, em maio de 2013.

<sup>99</sup> Segundo documento recém-divulgado pela área de Geografia da CAPES, eram 19 cursos no decênio 1990-1999, atingindo 64 no presente (35 doutorados/mestrados, 25 mestrados e 4 mestrados profissionais. Disponível em: [https://www.google.com.br/search?q=n%C3%BAmero+de+programas+de+p%C3%B3s+gradua%C3%A7%C3%A3o+em+Geografia+no+Brasil&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b-ab&gws\\_rd=cr&dcr=0&ei=OL3oWfGCCYKDwgT-hlzoDw](https://www.google.com.br/search?q=n%C3%BAmero+de+programas+de+p%C3%B3s+gradua%C3%A7%C3%A3o+em+Geografia+no+Brasil&ie=utf-8&oe=utf-8&client=firefox-b-ab&gws_rd=cr&dcr=0&ei=OL3oWfGCCYKDwgT-hlzoDw). Acesso em 16/10/2017.

Urbana, em novembro de 2007. Resgatando heranças e apontando o futuro das cidades e da urbanização, mesas redondas e sessões temáticas discutiram tradições de pesquisa na Geografia Urbana, seus instrumentos conceituais, metodológicos e técnicos. Além disso, solicitamos a cinco colegas de diferentes regiões do país que analisassem criticamente os currículos e a produção científica em suas regiões<sup>100</sup>. Com fundamento nos critérios de seleção que os comitês científicos dos sucessivos Encontros Nacionais da Anpur implantam a cada edição (por vezes mais rigorosos do que os de muitos periódicos) aprovamos de 30 a 40% dos trabalhos submetidos, proporcionando um evento de alta qualidade acadêmica. Esse rico material foi publicado na obra *As cidades e a urbanização no Brasil: passado, presente e futuro*<sup>101</sup>. Participei igualmente de comissões científicas de eventos nacionais e internacionais, selecionando trabalhos, organizando e coordenando sessões temáticas. Cada evento traz seu próprio desafio. Talvez o maior deles seja interagir com colegas estrangeiros, até então desconhecidos. Foi essa a experiência que vivi ao coorganizar com Karel Maier, da República Checa, e com o mexicano Manuel Perló a sessão *National, regional and local planning under conditions of globalization*, no âmbito do *2006 World Planning Schools Congress* em 2006. Nesse congresso, pesquisadores de programas filiados à Anpur participaram ativamente da organização de muitas outras sessões temáticas.

Organizei com Fabio Contel<sup>102</sup> a mesa redonda *The recent financialization of the brazilian territory: scales, actors and processes* no âmbito do Encontro Anual da Associação dos Geógrafos Americanos (AAG), realizado em Boston em abril deste ano. A sessão buscou analisar criticamente a financeirização do território brasileiro, identificando as novas formas de organização territorial do sistema bancário brasileiro, assim como os processos de bancarização e de consumo de novos tipos de produtos financeiros (sobretudo o crédito) por parte

---

<sup>100</sup> Mais do que a ausência de reflexão sobre a Região Sul, a morte prematura de Vanda Ueda em 2007 no trágico acidente da TAM em Congonhas nos privou de sua presença competente, generosa e bem humorada.

<sup>101</sup> PEREIRA, E.; DIAS, L. C. D. (Orgs.). *As cidades e a urbanização no Brasil: passado, presente e futuro*. Florianópolis: Insular, 2011. 447 p.

<sup>102</sup> Na primeira metade dos anos 1990, conheci Fabio Contel na condição de jovem bolsista de iniciação científica, sendo orientado pelo professor Milton Santos. Participei de sua banca de doutorado em 2007 sobre o tema Território e finanças: técnicas, normas e topologias bancárias no Brasil. Desde então mantemos uma salutar cooperação; em 2016 participei do seminário internacional Geografia e Finanças na USP, cujo dossiê está no prelo da Geousp.

da população brasileira. Com mais três colegas - Hindenburgo Pires, Marina Montenegro e Daniel Rosa procuramos identificar os novos atores bancários e não-bancários e novos produtos e serviços disponibilizados por eles para os agentes econômicos, assim como as formas alternativas e solidárias de uso das finanças, como as moedas digitais, os bancos comunitários, as moedas locais, os sistemas de troca baseados na confiança e proximidade; e analisar os diferentes serviços corporativos que são consumidos pelas empresas financeiras nas grandes cidades brasileiras.

Desde 1991, participo de bancas examinadoras de concursos públicos para ingresso na carreira do magistério, mormente na UFRJ e na UFF, pelos meus históricos laços com o Rio de Janeiro. Foi na UFF que proferi este ano a aula magna do Programa de Pós-Graduação em Geografia no início do ano letivo sobre a *Configuração de redes financeiras e mudanças na cidade*.

#### 4. E DAQUI PRA FRENTE?

Ao longo da narrativa, muitas vezes hesitei sobre onde apresentar este ou aquele acontecimento. Seguindo os movimentos que me levaram de uma posição a outra - de um tema a outro, de uma influência a outra, de um lugar a outro, de uma pessoa a outra - busquei atribuir sentido à minha trajetória e às experiências que, na prática, nunca separaram docência, pesquisa e extensão. E agora? Quais serão os caminhos, as conexões? Onde estarão os pontos de convergência e as encruzilhadas? Impossível prever com segurança. Afinal, as redes são, por definição, móveis, instáveis e inacabadas ao longo de um tempo no qual evoluem.

Posso apenas enunciar algumas intenções: continuar a desenvolver experimentos na docência e nas orientações, despertando nos estudantes a curiosidade pela história das ideias e pelo ofício da pesquisa; avançar no conhecimento das interações espaciais resultantes de ações desencadeadas em lugares mais distantes ou menos distantes, especialmente no modo como o processo de financeirização acontece na escala dos lugares, afetando o cotidiano de mulheres e homens que habitam as áreas mais pobres de nossas cidades; permanecer atenta a iniciativas e demandas ligadas à difusão da produção geográfica e multidisciplinar; e, principalmente, continuar aberta a novos e imprevistos encontros.